

# MULHERI

ANO VII  
Nº 31  
AGOSTO 1987  
SÃO PAULO  
BRASIL  
R\$ 30,00

MEIO AMBIENTE

## A VIDA SOB ATAQUE

*Um duro aviso da Alemanha pós-Chernobyl*

*Imprensa Feminista:  
rede de notícias,  
comemoração e  
História*

*Ecologistas brasileiras  
domando o extermínio*



**GABEIRA EXCLUSIVO — PV: PARTIDO DAS MULHERES?**

## PONTOS DE VENDA

### DISTRITO FEDERAL

**Delzeni Ribeiro:** SDS Edifício Miguel Bardi, sala 402, fone (061) 226-0482 Brasília.

### MINAS GERAIS

**Espaço Cultural Livros e Artes:** Rua São João, 357, fone (032) 211-2029, Juiz de Fora.

### MATO GROSSO DO SUL

**Regina Arakaki:** Rua Rui Barbosa, 2.324, fone (067) 382-0642, Campo Grande.

### PARÁ

**Jane Beltrão:** fone (091) 229-6336, Belém.

### PARANÁ

**Distribuidor: J. Ghignone Cia. Ltda.** Av. Nova Iguaçu, 624, fone (041) 233-362, Curitiba.

### PERNAMBUCO

**Wilma Lessa:** fone (081) 24-0585.

### RIO DE JANEIRO

**Dazibao Livraria:** Rua Visconde de Pirajá, 571-B, Travessa do Ovidor, 11 - Rio de Janeiro.

### RIO GRANDE DO SUL

**Distribuidor: Marco Amaral Pça.** Rui Barbosa, 39, sala 6, fone (0512) 26-9747, Porto Alegre.

### LIVRARIAS

**Graphis, Livraria Catê:** Rua Tomás Flores, 340.

**Livraria CAEE/ufrgs:** Av. Paulo Gama, s/n.

**Livraria Autores Nossos:** Av. Érico Veríssimo, Centro Municipal de Cultura.

**Livraria Adeli Sell:** Rua Gal. Vitorino, 140, sala 27.

**Livraria Arcano 17:** Av. Protázio Alves, 1.138.

**Livraria Mercado Alberto:** Rua Riachuelo, 1.291.

**Livraria Mercado Aberto:** Rua da Conceição, 205.

**Livraria Palmarinca:** Rua Gal. Vitorino, 140, 1º andar.

**Livraria Prosa e verso:** Rua Mostardeiro, 120, loja 4.

**Livraria Terceiro Mundo:** rua Gal. Vitorino, 129, sala 21.

### SANTA CATARINA

**Ana Lúcia Gomes Medeiros:** Cidade Universitária, caixa postal 5060, Florianópolis.

### SÃO PAULO

**Maria Alice Paes:** fone (0192) 43-3267, Campinas.

**Aparecida Fátima da Silva Ferreira:** R. Arterio Ferreira da Silva, 28 - Vila São Geraldo - Taubaté.

### LIVRARIAS

**Belas Artes:** Al. Lorena, 1.326, São Paulo.

**Belas Artes:** Av. Paulista, 2.448, São Paulo.

**Brasiliense:** Rua Oscar Freire, 561, São Paulo.

**Livraria Brasiliense:** Rua Augusta, 2.345, São Paulo.

**Canto da Prosa:** Rua Simão Álvares, 45, São Paulo.

**Capitu:** Rua Pinheiros, 339, São Paulo.

**Da Vila:** Rua Fradique Coutinho, 1.140, São Paulo.

**Livraria Favale:** Av. Santo Amaro, 184, São Paulo.

**Litteris:** Rua Ignácio Pereira da Rocha, 264, São Paulo.

**Litteris:** Bar Avenida, Av. Pedroso de Moraes, 1033, São Paulo.

### BANCAS

**Banca da ECA:** Cidade Universitária, Escola de Comunicações e Artes USP.

**Banca Gazeta:** Av. Paulista, altura do n.º 900.

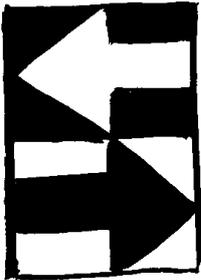
**Banca Rubio:** Al. Santos esquina com rua Augusta.

**Banca República:** Pça. da República ao lado do Colégio Caetano de Campos.

**Banca Av. Ipiranga:** em frente ao Bar Redondo.

## Novo grupo de mulheres

Informamos que nos dias 23 e 24 de maio de 1987 foi realizado o "II Seminário da Mulher Itabirana", onde foram debatidos vários temas de nosso interesse. Deste Seminário saiu a proposta de criação de um grupo de mulheres para continuar e aprofundar essas discussões. Comunicamos que fundamos o grupo, que já está se reunindo semanalmente no Sindicato Meta-



base, Rua Mestre Emílio, 95, Bairro Pará, CEP 35900, Itabira, MG. Contamos com o apoio de vocês no sentido de nos manterem informadas sobre o movimento feminista, remetendo-nos todo o material disponível.

**Grupo de Mulheres de Itabira.**  
Minas Gerais



## Intercâmbio com o Peru

A Equipe de Promoção e Assessoria da Mulher (Epram) é uma organização que vem trabalhando em favor das mulheres da zona Central do Peru. Nos definimos como um grupo de trabalho com as mulheres do Setor rural e urbano marginal que tem o propósito de ocupar os espaços que nos correspondem, participando ativamente do Planejamento do Desenvolvimento Sócio-econômico da Região Central. No momento estamos implementando nos-



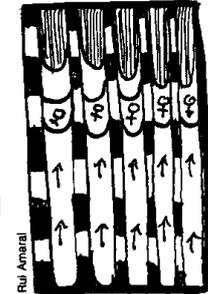
so Centro de Documentação e solicitamos que nos enviem folhetos, artigos etc., a respeito de organizações, instituições e pessoas interessadas no estudo sobre a problemática feminina.

**Carmem V. Kochi Gutiérrez**

Jr. Piura Paje Priale 177  
Pio 3 Apartado 607  
Huancayo, Peru

## Material de apoio

Faço parte de um grupo de mulheres que usa constantemente o jornal **Mulherio** como material de apoio para nossos debates. Solicitamos ao Núcleo e outros grupos o fornecimento de material que contribua para o avanço de nossas discussões e de endereços onde possamos conse-



guir mais material de apoio

**Ilza Moreira**  
Cascavel, PR.

Enviar correspondência A/C do **Mulherio**.

## Centro de Documentação

O Grupo de Estudos sobre a Condição da Mulher no Uruguai está organizando seu Centro de Documentação, que atenderá a demanda também de outros grupos e de pessoas interessadas no tema Mulher. Pretende retomar o intercâmbio com publicações e informa que o Centro



de Documentação será computadorizado, utilizando-se do programa MicroSIS. Gostariam também de entrar em contato com outros centros de documentação que utilizem o mesmo programa para intercâmbio de informações e experiências.

**Isabel Miranda**  
Casilla de Correo 10587  
Montevideo, Uruguay.



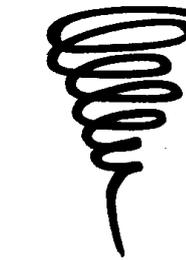
## O Terceiro Mundo na Alemanha

Sou colaboradora do **Mulherio** e já recebi o jornal. Desejo-lhes força para que o trabalho prossiga, pois é importante termos um jornal que fale de nós para nós e notícia. Estou preparando um trabalho para a Universidade e Frankfurt no curso de Pedagogia do terceiro mundo, um monografia sobre a Rede Mulher e Moema Viezzer, que deverá estar pronto no próximo ano.

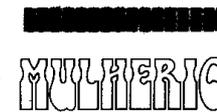
**Mara Rúbia de Andrade**  
Alemanha

## Artigo por reembolso

Em 1954 surgiu uma revista no Partido dos Trabalhadores Socialistas, um partido radical dos Estados Unidos, sobre o uso de cosmético por mulheres. Em 1969 e;



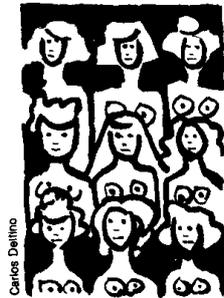
partido tornou pública sua crítica às mulheres e em 1986 republicou alguns dos documentos no panfleto **Cosméticos, Moda e a Exploração das Mulheres**. Myra Tanner Weiss escreveu uma réplica, uma análise da disputa, e sua visão da relação entre Marxismo e Feminismo. Para quem está interessado no trabalho teórico de feministas e marxistas ou simplesmente curioso a respeito da luta das mulheres marxistas dentro de um



**Conselho Editorial:** Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Feldman-Bianco (Unicamp, SP) Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Sader (USP); Fátima Jordão (pesquisadora, SP); Fúlvia Rosenberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloisa Buarque de Hollanda (UFRJ / Stanford University, USA); Maria Lúcia de Barros Mott (historiadora, SP); Mariaugusta Rosa Rocha (Conselho Municipal da Mulher de Salvador, BA); Mariyse Meyer (Unicamp, SP); Mouzar Benedito (jornalista, SP).  
**Editora-responsável:** Inês Castilho (MTB 17.504). **Editora:** Santamaría Silveira (MTB 13.517). **Reporteres/Redatoras:** Laurimair Coelho e Paula Mageste. **Secretária de Redação:** Péroia Paes. **Arte:** Jaime Prades e Walkyria Suleiman.  
**Administração e Finanças:** Mônica

movimento radical dominado por homens, a leitura desse livro é essencial. Cópias estão à venda por US\$ 1.50 cada. Escreva para Myra Tanner Weiss, P.O. Box 30054, New York, NY 10011.

**Annie Clark.**  
New York, USA



## Mulheres e feminismo em livro

Sou jornalista, negra, e escrevi um livro sobre o Brasil. Um dos capítulos fala de mulheres e feminismo. Gostaria de receber alguns artigos sobre a experiência de mulheres discriminadas, com a informação sobre a data e o jornal onde foram publicados. Procuo também mulheres que queiram responder um questionário sobre os problemas das mulheres no Brasil.

**Veronica M. Brown**  
309 N. Pennsylvania Ave.  
Lansing, MI 48912 USA

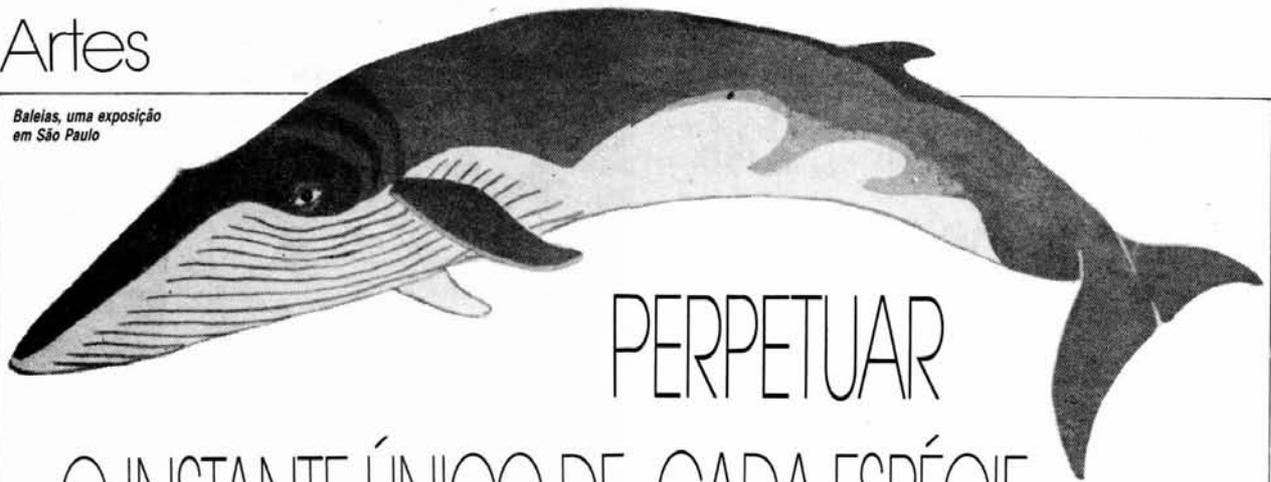
ca Boudayé; **Assistente:** Maria Tereza de Lima; **Distribuição e Divulgação:** Susana Beatriz Meza Henke; **Assinaturas e Expedição:** Helena Maria Moreira; **Secretária Geral:** Tânia Cristina Vieira de Paulo. Colaborou neste número, além das pessoas que assinam matéria, Cristina Mucci.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte. Publicado com o apoio da Fundação Ford do Brasil, RJ.

**Mulherio** é uma publicação do Núcleo de Comunicações Mulherio, associação civil sem fins lucrativos. Redação e administração à Rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, 06421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-9052.

**Composição:** Editora Max Limonad, Rua Quintino Bocaiuva, 191 - 4º andar/sala 41, telefone 35-7393; **Folto e impressão:** Cia. Editora Jorrués, Rua Artur Azevedo, 1977, telefone: 815-4999; **Tiragem desta edição:** 12 mil exemplares.

Baleias, uma exposição em São Paulo



# PERPETUAR O INSTANTE ÚNICO DE CADA ESPÉCIE

POR ACREDITAR QUE A DEFESA DE TODAS AS ESPÉCIES ANIMAIS, MESMO QUE SEJA A DE UM ÚNICO CASAL POR SEU SENTIDO ÚNICO DENTRO DA NATUREZA, A ARTISTA PLÁSTICA ÂNGELA LEITE DESENVOLVE UM TRABALHO EM XILOGRAVURA VOLTADO PARA A RETRATAÇÃO FIEL DOS ANIMAIS EM EXTINÇÃO.

ROSANA ORTIZ

"Se a natureza é uma festa, por que não multiplicar os convivas?" Esta frase é a que melhor define Ângela Leite, mulher, mãe e artista famosa por suas xilogravuras, voltadas, na maioria das vezes, para a retratação fiel e sensível de animais em extinção. Borboletas, tatus, jacarés, antas e baleias, entre outros, já foram pesquisados e perpetuados por ela. Muitos, infelizmente, só podem ser vistos nas belas e detalhadas gravuras produzidas por Ângela, e não mais na sua forma original e de maior graça, a de seres vivos.

"Quando iniciei minha série de bichos, com a gravação, em 1969, do tatuete — conhecido como tatu-galinha por ter uma carne saborosa que lembra a da própria — havia uma lista oficial que indicava existirem 86 animais em extinção, que gostaria de poder reproduzir. Esta é minha maior aflição. Hoje tenho 37 anos, gravei cerca de trinta peças, meu trabalho é lento, me toma um ano inteiro, e a lista de bichos em extinção cresce velozmente", lamenta Ângela.

Mas talvez uma das melhores qualidades dos trabalhos de Ângela seja justamente o tempo que levam para se concretizar, pois a artista faz mais do que passar para o mogno, pinho, madeira de lei ou qualquer outra o desenho de um bicho. Ela estuda o animal nos seus detalhes mais particulares e daí nasce a forma como serão apresentados. "O que mais me agrada é saber como ele vive, seus prazeres e perigos. Me dá um gosto imenso descobrir quem é aquele bicho, conversar com ele sobre o que foi escrito a seu respeito", conta, explicando que prefere conhecer de perto os animais, fazendo inúmeras visitas ao zoo de São Paulo, se lá existe um exemplar da espécie. E lamenta: "É impossível viajar para conhecê-los em seus habitats".

Depois de definir qual a espécie a ser re-

tratada, uma escolha própria e quase instintiva, Ângela mergulha num processo de aprendizagem, devorando toda a literatura existente sobre o animal. "Mas é muito pouca. A fauna brasileira motivou um número insignificante de livros, quase sempre edições muito antigas, principalmente no caso dos mamíferos. As aves estão melhor registradas". Como os livros não lhe bastam, Ângela sai à procura de pesquisadores, absorvendo deles o máximo de conhecimento. Foi assim com as baleias, quando contou com o apoio do almirante Ibsen Gusmão Câmara, e está sendo assim com seu novo trabalho, a jaguatirica, em cujo estudo é auxiliada por Cori Teixeira de Carvalho, "o maior especialista em felinos do Brasil", qualifica.

Mas por trás de todo este trabalho de Ângela existe uma preocupação maior: a de retratar com fidelidade o instante mais peculiar dos animais. "Eu não posso errar, tenho que conhecer o comportamento do bicho para não gravar, por exemplo, um filhote de onça na garrupa de sua mãe, mas sim colocar um filhote de anta em uma situação como esta", explica. As poses retratadas por Ângela são as particularidades que mais a impressionam.

Na jaguatirica, por exemplo, Ângela teve dificuldades em se decidir. "O que mais me chamou atenção nos felinos foi o namoro, um ritual diferenciado que leva a fêmea a emitir gritos fortíssimos", ensina. Mas a escolha da artista quase muda, já que lhe disseram que a

O tatu-galinha, a primeira xilogravura



Ângela Leite: "Se cada gravura corresponde a um resgate, meu esforço estaria recompensado"

fêmea gritava de dor e não de prazer, possibilidade logo descartada pelos estudiosos. Mesmo assim, a dúvida persistiu, pois no ritual dos felinos a fêmea se exhibe ao macho, chamando-o para a relação. "Fiquei preocupada que, com a retratação deste ato, desse um ponto para os machistas. Por outro lado, acredito que as mulheres têm o direito de ter desejos e não somente de serem desejadas". Na relação dos felinos, o macho só se aproxima da fêmea quando esta assim o permite, caso contrário ele será agredido, sem nunca se defender.

Ângela: sinônimo de xilogravura?

"Por ser mais conhecida como gravadora, realizar meus trabalhos em xilogravura é quase uma obrigação, as pessoas me cobram isto", reclama. Não que Ângela tenha perdido o amor a esta arte, e que pretende é ampliar sua atuação, descobrir novas técnicas para retratar, até de uma maneira mais fiel, as peças que realiza. "A xilogravura tem suas limitações, não quero que meu trabalho tenha esta breira", afirma.

Por isso, Ângela está se preparando para realizar um trabalho, ainda sigiloso, onde empregará variadas técnicas, usando lápis de cor, óleos, nanquim etc., numa tentativa de expressar de maneira diferente suas sensações. "Todas as técnicas são limitadas, cada uma a sua maneira, e a mobilidade permite um leque mais amplo de retratações."

Outra preocupação de Ângela é a classificação que seus trabalhos recebem: sempre voltados aos animais em extinção. "Se faço uma concha, uma série que iniciei há pouco, as pessoas logo perguntam: é brasileira? está em extinção? Eu gosto de fazer outras coisas, tenho uma influência muito grande dos estudos que realizei sobre Grécia arcaica, quando cursei Filosofia, e muitos de meus trabalhos são sobre o tema".

Mas Ângela dificilmente vai escapar dos bichos, pois isto é uma coisa que está dentro dela, que se exterioriza nos desenhos mais distantes, como a de um cata-vento que fez há pouco tempo. "Quando percebi, havia feito um rodaminho semelhante ao da concha Náutico, muito procurada". Esta influência quem melhor explica é a própria Ângela: "A natureza leva milhões de anos para criar uma forma e eu acredito que ela deva ser preservada porque tem seu papel, um sentido único e específico dentro de toda uma comunidade. Por isso, um único casal de uma espécie justifica uma campanha. Se a cada gravura bem sucedida correspondesse o resgate de um único indivíduo, poderia considerar meu esforço recompensado".

Rosana Ortiz é jornalista em São Paulo.

# A vida pós-Chernobyl. Ainda mais difícil.

DEPOIS DA TRAGÉDIA DA USINA DE CHERNOBYL, AS MULHERES ALEMÃS MUDARAM. TIVERAM DE APRENDER QUASE TUDO SOBRE RADIOATIVIDADE E QUÍMICA DE ALIMENTOS PARA POUVAR SUA FAMÍLIAS DE POSSÍVEIS CONTAMINAÇÕES, NUM TRABALHO INVISÍVEL PARA A SOCIEDADE. AGORA, REIVINDICAM UMA MUDANÇA NA POLÍTICA NUCLEAR DO PAÍS.

MARGRIT  
KLINGLER — CLAVIJO

Há pouco mais de um ano aconteceu a maior catástrofe nuclear do mundo com a explosão do reator número 4 em Chernobyl, na União Soviética. Nuvens de radioatividade espalharam-se não só por este país, mas também por toda a Europa, chegando a ser registrado um aumento de radioatividade até no Brasil. As consequências desta tragédia foram múltiplas e estão se revelando a longo prazo, como a contaminação do meio ambiente. O plutônio, por exemplo, precisa de mais de 24 mil anos para reduzir seu valor radioativo pela metade. A expectativa de que milhões de europeus poderão morrer de câncer nos próximos anos e o aumento do número de crianças nascendo com deformações genéticas, na Baviera, tornam o acidente de Chernobyl ainda mais preocupante.

Mas, mesmo assim, os governos dos principais países da Europa, com exceção da Suécia, não mudaram sua política nuclear, alegando que só se trata de melhorar as condições de segurança para que não se repita a tragédia de Chernobyl. Porém, mesmo com essas justificativas, aumentou o número de pessoas que desconfiam dessa política nuclear e exigem o seu fim por representar um perigo sério à sobrevivência da humanidade e do planeta Terra, acreditando nas palavras do prêmio Nobel de Química em 54, Linus Pauling: "Não existe dúvida nenhuma de que as centrais nucleares prejudicarão a raça humana e provocarão deformações físicas e mentais".

A tragédia de Chernobyl mobilizou as mulheres da Alemanha Ocidental, especialmente as mães que, sensibilizadas, passaram a criticar a sociedade "tecnopatriarcal". Na Alemanha Ocidental foram as mães que fizeram o protesto pós-Chernobyl mais forte e imediato. Nos primeiros momentos experimentaram muita dor e tristeza por se verem desligadas da natureza viva, das plantas, dos animais e da terra. Apesar do magnífico tempo de primavera, deviam deixar as crianças trancadas em casa, banhá-las muitas vezes, entretê-las e dissipar as suas angústias de que o mundo iria acabar e de que havia "veneno" em todas as partes. O abastecimento com alimentos não contaminados estava difícil e os enlatados, tão duramente criticados pelos ecologistas, pas-

savam a ser a única saída viável. Parecia impossível, mas aconteceu a escassez de alimentos saudáveis como legumes e leite.

## Medidas Urgentes

As donas-de-casa, responsáveis pela saúde de suas famílias, ficaram com medo e dúvidas sobre os alimentos. São elas que no caso de doenças posteriores serão culpadas e não os políticos, nem os cientistas. Nos dias pós-Chernobyl precisavam saber fazer mais do que limpar a casa e cozinhar. Deviam ser experts em química de alimentos, grau de radioatividade e causas possíveis de deformações. A isso somou-se a desconfiança nos valores de radioatividade oficialmente divulgados, pois revelavam a intenção dos políticos em acalmar a população. Na tevê apareciam políticos, defensores da energia nuclear, comendo alface ou tomando leite para provar que a contaminação radioativa não era tão perigosa como certas pessoas suscetíveis ao pânico pretendiam.

Entre as mulheres, as grávidas e as mães de recém-nascidos eram as mais preocupadas. Sabe-se que o embrião é hipersensível às menores doses de radioatividade. As mães dos recém-nascidos tinham pouca alternativa para alimentar seus bebês: o leite mater-



Mulheres alemãs contra a política nuclear.

no e o leite de vaca estavam e estão altamente contaminados. Diante disto, as mães estabeleceram redes de contato para trocar informações e dicas de como obter alimentos menos contaminados e indagaram sobre a possibilidade de contaminação. Além disso, iniciaram um protesto em massa contra a política nuclear através de abaixo-assinados e passeatas com as crianças.

Em Munique, centros de mulheres depositaram o tradicional maço de flores que tinham

ganho no dia das mães numa praça no centro da cidade, como ato de protesto. Na maioria dos casos, essas mulheres tinham pouca experiência de atuação na vida pública ou no movimento feminista. Ao final de uma passeata de parteiras em Berlim, uma delas em seu primeiro discurso em público disse: "Agora não posso ficar mais tempo em casa, porque sei que as condições necessárias à sobrevivência de nossas crianças são cada vez mais precárias. A política nuclear é uma ameaça à natureza e à vida humana."

Muitas daquelas mães, que reagiram à catástrofe nuclear e mudaram radicalmente a sua vida cotidiana, foram acusadas por seus maridos de histéricas, provocadoras de pânico ou loucas. Eles se mostravam insatisfeitos com a mudança de velhos costumes alimentícios e quebra da rotina dentro de casa. Para as mães preocupadas, o marido insatisfeito com a comida enlatada devia reclamar contra o Estado e sua política nuclear.

Nos dias pós-Chernobyl ficou claro para as mães que na vida pública falta maleabilidade para que o seu protesto inicial desemboque em mudanças concretas. Ao contrário dos camponeses, que através do seu poderoso lobby receberam indenizações consideráveis pelo leite, o feno e os legumes contaminados, as donas-de-casa não receberam nada por seu trabalho extra, porque este continua "invisível" para a maioria da sociedade.

Margrit Klingler - Clavijo é jornalista alemã e especializada em literatura contemporânea.



"Preferimos homens e animais saudáveis" diz a faixa numa passeata em Hamburgo.

## Usina Nuclear: Acidente a qualquer hora

As mães não tiveram nenhum papel importante no movimento feminista, que no final dos anos sessenta reivindicou na Alemanha aborto livre e participação da mulher fora do lar. O modelo de emancipação então vigente foi o da profissional competente que não dispunha de tempo para dedicar-se ao cuidado das crianças, tarefa deixada para as mães "tradicionais". Parece que atualmente essa divisão das mulheres em profissionais "liberadas" e mães "tradicionais" vem sendo questionada dentro do movimento feminista, como pode se ver nas seguintes perguntas da feminista Claudia von Werlhoff: "Queremos nós caminhar na direção da modernidade, emancipação, igualdade e progresso, apesar de Chernobyl? Onde queremos ir e para onde podemos ir? As crianças devem ir conosco? E o que significa o esquecimento imperdoável da criança em todos os movimentos e não-movimentos?"

Claudia confessa que a preocupação mais que justificada com o futuro das crianças mudou a sua percepção dos valores sociais e culminou numa crítica feroz à sociedade "tecnopatriarcal". Essa crítica encontra a sua expressão mais

nítida num ensaio da feminista Maria Mies, intitulado: "Quem converteu a natureza em inimiga?", atacando com veemência a sociedade "tecnopatriarcal", que em seu alã de submeter a mulher e a natureza está contribuindo para a destruição da terra e da humanidade.

Para que isso não aconteça é preciso tirar algumas posições. Pela primeira vez na história da humanidade não existe mais salvação individual. Um acidente nuclear pode acontecer a qualquer hora em qualquer lugar do mundo; é mentiroso o clássico argumento dos políticos no poder de que no seu país isso não acontecerá por observar as medidas de segurança. O conceito do progresso ilimitado é uma ameaça para a vida do globo, porque a natureza não pode ser subjugada e explorada impunemente. A natureza, durante séculos tratada como inimiga, revela agora o seu lado hostil. A confiança nos cientistas e políticos responsáveis diminuiu segundo Mies, os políticos tanto no oeste como no leste são cínicos e estão só pensando em como manter-se no poder, o que foi ultimamente demonstrado através da manipulação dos valores de radioatividade que subiram ou desce-



Em Munique, flores do Dia das Mães em protesto.

ram. Também não têm vergonha nenhuma em mandar alimentos contaminados para países da África e da América Latina. Basta lembrar o leite em pó contaminado, procedente da Irlanda, que no ano pas-

sado foi vendido ao Brasil.

A confiança nos cientistas e políticos no poder representa uma ameaça à vida porque eles carecem de moral. Aumenta cada vez mais o número de cientistas finan-

ciados pelo orçamento militar. Só nos estados eles são atualmente 60%. Além disso, os políticos e cientistas são capazes de inventar sempre novas tecnologias e destruição, mas carecem do poder imaginativo para enxergar os seus feitos negativos. Perderam a sensibilidade pela vida humana. Depois de Chernobyl ficou claro, também, que o uso pacífico da energia nuclear é uma mentira e que ela é tecnologia de guerra, porque a sua aplicação visa à destruição dos contextos sociais, e o seu alvo é a natureza e a humanidade.

Mies diz também que a raiva e o pânico sentidos nesses meses representam a energia mais importante, tanto para lutar contra a energia nuclear como contra as novas tecnologias de reprodução. De acordo com ela, a renúncia ao alto padrão de vida das sociedades industriais, baseado na exploração da natureza e dos países do chamado Terceiro Mundo, pode significar um recomeço positivo, que não se deve somente à troca de uma tecnologia por outra, mas à procura de outros contextos políticos, sociais e culturais, baseados no amor pela humanidade e a natureza. (MKC)



Carlos Delfino

## SEM DIA SEGUINTE

Desde o dia 26 de abril de 86 o medo e a aversão às usinas nucleares cresceram, não apenas nos países da Europa e Ásia, mas no restante do mundo. Foi neste dia que o reator quatro da usina nuclear de Chernobyl, próxima à cidade de Kiev, na União Soviética, gerou a pior catástrofe nuclear da história. Uma nuvem de radioatividade cobriu em questão de horas uma área europeia correspondente à distância entre São Paulo e Ceará.

O acidente ocorreu devido a uma falha no sistema de refrigeração da Usina, que provocou um super-aquecimento do núcleo do reator. Com temperaturas acima de 3 mil graus, a explosão e o conseqüente vazamento de ra-

dioatividade foi inevitável. Centenas de pessoas morreram e várias ficaram feridas ou com seqüelas. Cerca de 130 mil pessoas tiveram de abandonar suas casas num raio de 4 mil quilômetros e doze países foram atingidos, sendo que alguns proibiram imediatamente a importação de alimentos da região de Kiev. Temendo represálias por parte dos Estados Unidos, a União Soviética só revelou o acidente à imprensa três dias depois. Apenas as fotos das comemorações do 1º de Maio, com a população de Kiev desfilando, em trajes típicos, é que foram divulgadas largamente pelos meios de comunicação.

Chernobyl ainda hoje está em pleno funcionamento e é responsável pela produção de energia equivalente a um terço daquela pro-

duzida pela usina de Itaipú. Os reatores um e dois estão trabalhando normalmente e o três, próximo ao que explodiu, está em reparo e sendo descontaminado. Em abril deste ano, no aniversário do acidente, vários países da Europa ocidental e oriental, bem como o Japão e algumas regiões da União Soviética, fizeram passeatas em protesto ao crescente uso e construção de usinas nucleares. Grupos pacifistas como os "Verdes" da Alemanha e o "Chernobyl Nunca Mais" da Holanda foram agredidos e houve tumulto em algumas manifestações.

Hoje, embora as autoridades de saúde da Alemanha garantam que a radioatividade de Chernobyl não representa mais riscos à saúde, a pesquisa realizada pelo professor Karl

Sperling do Instituto de Genética Humana da Universidade de Berlim Ocidental demonstra que o número de crianças mongolóides nascidas e de abortos realizados nos últimos meses foi cinco vezes maior que antes da catástrofe de Chernobyl. Dados da pesquisa revelam que nos próximos cinquenta anos cerca de 3 mil pessoas morrerão nos países próximos à União Soviética em função do desastre.

Os responsáveis pelo acidente, entre eles o ex-diretor da Usina, Viktor Bruokhin, foram acusados em julho de negligência e após o julgamento foram condenados a quinze anos de prisão. Enquanto isso, os testes nucleares na União Soviética continuam com toda a força, sob a alegação de "interesses da economia nacional soviética".

agora

# MULHERIO

é mensal



*Um jornal que dá o que pensar*

Lançado em março de 81, **Mulherio** é um dos raros veículos da Imprensa Alternativa que sobrevive ainda hoje, mantendo a polêmica dos fatos através da perspectiva feminista, discutindo das novas teorias científicas à sexualidade, da ecologia ao trabalho doméstico.

## LEIA



## DIVULGUE

A independência editorial do **Mulherio** ajuda o jornal a dar impulso às causas progressistas. Divulgar esse tipo de publicação é ampliar a conscientização e fixar a imagem das mulheres reais, invisíveis na grande imprensa.

A maioria das escritoras, jornalistas, políticas e professoras que ajudam a influenciar a formação da opinião pública brasileira são assinantes do **Mulherio**. São consumidoras diferenciadas com independência para fazer suas opções por marcas e produtos.

## ANUNCIE

6

Mulherio  
Agosto 87

## ASSINE

Nem todas as livrarias e bancas do país recebem **Mulherio**. Assinando, você garante seu exemplar todo mês e ainda faz economia sem depender de nenhum congelamento.

### ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 Cep: \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_  
 Data Nascimento \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ DDD: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura correspondente a 6 n.ºs do jornal. Cz\$ 160,00 - América Latina US\$ 18,00 — Exterior Via Aérea US\$ 24,00.

### ASSINANTE, VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO?

Comunique seu novo domicílio.

COLE AQUI  
SUA ETIQUETA DE  
ENDEREÇAMENTO ANTERIOR

Novo endereço \_\_\_\_\_  
 Bairro \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_  
 Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_

Envie estes cupons para ASSINATURAS MULHERIO, Cx. Postal 11352, Cep 05421, São Paulo – SP, fone (011) 212-9052

# Verdes e Mulheres: dois grandes aliados

O PV DE FERNANDO GABEIRA DEFENDE IGUALMENTE IDÉIAS ECOLÓGICAS E FEMINISTAS, PODENDO SE TORNAR EM BREVE, COMO JÁ ACONTECEU NA EUROPA, A ALTERNATIVA POLÍTICA PARA AS MULHERES QUE PROCURAM FÓRMULAS NOVAS PARA ATUAREM PARTIDARIAMENTE.

SANTAMARIA SILVEIRA

O que é bom para a Alemanha pode ser bom para o Brasil. Lá, depois de tentarem um partido próprio, as mulheres ingressaram no PV, obtendo espaço, apoio e 25 mandatos na última eleição para o parlamento, mais da metade das cadeiras conseguidas pela legenda. Um fato inédito para os alemães e muito mais para o Brasil, onde todos os partidos juntos elegeram menos de 5% de mulheres entre os candidatos para a Constituinte.

Ao que tudo indica, o Partido Verde pode ser o caminho político para as mulheres brasileiras que procuram uma nova forma de atuarem no cenário partidário, longe dos fisiologismos (troca de cargos por apoio), nepotismos (emprego de parentes) e outros "arranjos" da politicagem nacional. "Os verdes também questionam o mecanismo do poder", explica o escritor e candidato do PV ao governo do Rio de Janeiro nas últimas eleições, Fernando Gabeira, "porque a política, na campanha ou no mandato é muito masculina. Sempre é exercida com agressividade e competição, condutas típicas do universo do homem". Um exemplo lembrado por Gabeira é o da feminista e editora Rose Marie Muraro, candidata a deputada federal pelo PDT do Rio, que pretende escrever um livro sobre sua campanha, chamado *Os Seis Meses que Fui Homem*. "Ela sentiu na pele toda essa estrutura do poder masculino existente na política", diz Gabeira.

Otimista, ele acredita, no entanto, que houve um certo avanço nas últimas eleições. Ele foi um candidato alternativo que conseguiu espaço. Chegou de ônibus ou táxi; fez campanha pacífica e criativa; acendeu incenso no lançamento da sua candidatura na Câmara Municipal para indignação de alguns vereadores que pensaram ser maconha; propôs a troca de energia entre as pessoas nas palestras e comícios e falou para homossexuais, prostitutas, ciganos e outros marginalizados; em contraposição aos políticos tradicionais que só discursam para "a família".

Uma das táticas mais inovadoras do PV de Gabeira durante a campanha foi a busca da tomada de consciência da população. "As pes-

soas precisam compreender que a situação está ruim, mas podem mudá-la através da organização". Duas demonstrações marcaram a campanha de Gabeira: a primeira em Angra dos Reis, onde a população aderiu em peso à manifestação contra a falta de um plano de segurança em caso de acidente na usina, e que já fez suas primeiras vítimas — os camarões cor-de-rosa.

Na questão nuclear, Gabeira é cético. Não acredita nas palavras do presidente argentino, Raúl Alfonsín, ao receber o presidente Sarney, recentemente, na usina de enriquecimento de urânio de Pilcaniyeu. "Dizer que o programa nuclear da Argentina tem intenções pacíficas é fazer o mesmo tipo de discurso do Brasil. Na verdade, não passa de um truque militar para despistar". Para Gabeira, o que a América Latina precisa é de um programa de des-nuclearização, pois "a energia nuclear é insegura e muito cara".

A segunda grande mobilização popular da campanha foi o abraço à Lagoa Rodrigo de Freitas, também no Rio. A mudança então pretendida era acabar com os constantes despejos de esgoto e falta de demarcação das margens. Como na Europa, o Brasil fazia uma manifestação ecológica de massa, da qual participaram 60 mil pessoas de mãos dadas. Mas o êxito do abraço não foi só este. Mudou a forma de fazer política de rua, geralmente cheia de discurso. Havia alegria e participação. Dois ingredientes que Gabeira quer trazer para a atual campanha das Diretas. "Já participei dos discursos de Brasília e Rio. Vou continuar com a campanha, mas de uma forma verde, ou seja, mais alegre."

Hora e Vez

O PV é um dos raros partidos do País que privilegia as mulheres. No seu programa consta igualmente a defesa das idéias ecológicas



e feministas; a presença da mulher na Executiva Nacional é significativa e a luta por legendas nas convenções partidárias é igualitária, independentemente do cacife político que as mulheres não têm. E como o próprio Gabeira coloca em seu livro sobre a campanha, *Diário da Salvação do Mundo*: "Durante toda a campanha tentamos afirmar uma maneira diferente de entender o movimento das mulheres dentro do movimento geral. Não o queríamos como apêndice e sim no centro das decisões".

Para quem não sabe, a maior parte dos 500 mil votos recebidos por Gabeira nas últimas eleições vieram das mulheres. Sorte delas que tiveram sensibilidade para entender que o candidato da coligação PV-PT queria governar com elas, em vez de dar uma Secretaria da Cultura, da Mulher ou Educação como prêmio de consolação. Infelizmente, Gabeira não tem pretensões de sair candidato em 88, mas aponta seu presidencialível: Luis Inácio Lula da Silva, líder nacional e constituinte do PT.

Durante sua campanha, Gabeira encontrou muitas mulheres. Algumas ensaiando a conscientização, como as merendeiras das escolas públicas do Rio que não recebem qualquer remuneração pelo serviço; outras organizadas, caso das mulheres atuantes no Bispado de Caxias, na violenta Baixa Fluminense. "Além da

luta social mais ampla", analisa Gabeira, "as duas maiores preocupações das mulheres atualmente são saúde, na medida em que possuem assistência médica muito precária, e creches, ainda em número bem inferior às necessidades da comunidade."

Nenhuma campanha envolveu tão diretamente as mulheres como a de Gabeira no ano passado. O projeto "Fala Mulher" levou para o centro do Rio — local onde adeptos de Leonel Brizola e Moreira Franco costumavam se degladiar — milhares delas. Com uma linha de frente, bem ao gosto carioca, formada por deputadas, vereadoras e artistas vestidas de rosa, as manifestantes fizeram o corpo-a-corpo com flores nas mãos e dobraram, segundo Gabeira, os temores e resistência dos homens.

Gabeira considera o movimento feminista "o grande saldo das lutas modernas", mas tem suas ressalvas: "O movimento explodiu em todas as direções, mas dele ainda não participam grande parte das pessoas esclarecidas do País. Um, por entenderem que já conquistaram um espaço pessoal de liberdade. Outras, por sentirem dificuldade de participar devido às formas de organização um tanto burocratizantes". Para Gabeira, o movimento feminista hoje deveria parar para refletir sobre a forma como vem se conduzindo politicamente, e a partir daí, crescer mais.

# A Política do PV

Ao contrário de alguns PVs europeus, o brasileiro não optou pelo muro, isto é, longe da direita e da esquerda. "Nossa situação é especial", enfatiza Gabeira, "existe a justiça social, uma questão da esquerda, que nos interessa. Além do mais, os nossos principais aliados são os trabalhadores, o que nos aproximou de uma coligação com o PT nas eleições do ano passado". Existem também alguns problemas no País, como o saneamento básico, que acabam reunindo propostas ecológicas e sociais numa mesma bandeira de luta.

Gabeira não nega que um dos pontos favoráveis do partido é a grande simpatia nacional pelas questões ambientalistas. "Ao contrário da Europa, temos muita coisa para preservar e a população sabe disto". Também não faltam políticos afinados com o programa do PV, caso de Benedita da Silva (PTRJ), Lucia Arruda (PTRJ), e Fábio Feldmann (PMDB-SP). Porém, o grosso das adesões, segundo Gabeira, vem dos escalões inferiores do Legislativo: "A maioria dos simpatizantes são vereadores, dispostos a engrossar a legenda".

O partido até o momento está organizado apenas no Rio de Janeiro: "Temos núcleos em formação em São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia e Pernambuco, e esperamos estruturar definitivamente o partido até as próximas eleições". Independente de ter consultado os programas do PV alemão e sueco, os verdes brasileiros optaram por um trabalho próprio, voltado para as especificidades nacionais.

Para um partido iniciante, o maior entrave durante a campanha, no entender de Gabeira, foi a ausência de uma imprensa alternativa forte. "Os candidatos ideológicos, comprometidos com idéias e não interesses econômicos ou políticos, precisam de mecanismos de informação e comunicação próprios, porque a grande imprensa não abre espaço para nós, a não ser para notificar algum fracasso ou pinçar uma frase comprometedora".



Gabeira: "Os candidatos ideológicos precisam de uma imprensa alternativa e forte"

Mas, apesar de estar trabalhando para a consolidação nacional do PV, Gabeira alerta que o povo não pode esperar todas as soluções das vias institucionais, tem de se organizar: "Os partidos e as eleições não resolverão todos os problemas". Para Gabeira, hoje, a grande descrença na classe política está levando a população a agir alternativamente de dois modos: através da indiferença ou reação violenta. "Nenhuma dessas alternativas parece ser a saída, que, no entanto, pode vir com a intervenção organizada". Igual à que realizou no Morro do Faz Quem Quer, ano passado, contra a arbitrariedade da polícia carioca, que ainda hoje vem confundindo pobre com bandido. A manifestação parou as ruas próximas ao morro e exigiu direito de cidadania para os favelados.

No momento, Gabeira vê o País num impasse: "Os donos do poder querem tornar a transição política cada vez mais longa, por isso estamos levando a campanha das Diretas em 88, para ver se agilizamos o processo". Para Gabeira, a fixação do mandato de Sarney em 4 anos e a definição das diretas é o único caminho possível para um pacto político, que o Planalto vem endossando e o presidente do PFL, senador Marco Maciel, vem tocando. (S.S.)

# Adeus.

Quando o sofrimento é tanto que até as lágrimas secam, quando a fraqueza é tamanha que até o choro se cala, quando a proximidade da morte deixa de ser medo e passa a ser certeza, quando, enfim, morre a última esperança, uma imensa serenidade a invade.



Nos seus olhos não há amargura ou rancor. Apenas a perplexa saudade de um mundo que nem chegou a conhecer. Num gesto de insuperável ternura, tocando a mão que a ampara, se despede tristemente da vida. Assim morre de fome uma criança. Esta cena cruel se repete diariamente em Moçambique. Mais precisamente, a cada 4 minutos. São 360 crianças que cumprem, todos os dias, essa angustiante cerimônia de despedida. Para elas, a ajuda que não chegou hoje, não chegará jamais. Para os largos milhares condenados a morrer nos próximos meses, a única esperança é você. Com apenas Cz\$ 100,00, a Cruz Vermelha assegura a sobrevivência de um ser humano por 30 dias. Para quem tem uma expectativa de vida de 4 minutos, isso é quase a eternidade. Pense nisso. Mas não pense muito. A cada 4 minutos de indecisão, uma criança se despede da vida. Deposite o que puder, pessoalmente ou através do seu banco, na conta SOS Moçambique, em qualquer agência do Banco do Brasil e ajude a acabar de vez com essas terríveis despedidas.

**Apoio:  
Jornal  
Mulherio**

Coordenação:  
+ CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

**SOS**  
MOÇAMBIQUE



# ANTÁRTIDA:

## Um mundo igualitário?

MARIA DE FÁTIMA LOURENÇO

Acostumada a colher amostras do ar respirado em São Paulo, para depois analisá-lo no Grupo de Estudos da Poluição do Ar (Gepa), do Instituto de Física da Universidade de São Paulo, Maria de Fátima Andrade, 25 anos, nunca imaginou que um dia fosse fazer esse trabalho na distante Antártida, onde esteve por um mês e meio no início deste ano e para onde poderá voltar daqui a seis meses, em outra expedição. Não era um objetivo de vida, mas o primeiro passo nessa direção foi dado sem que ela soubesse, ainda em São Vicente, litoral de São Paulo, onde nasceu e abandonou a idéia de ser agrônoma, para disputar uma vaga na Faculdade de Física da USP.

Filha de imigrantes portugueses, "pessoas muito simples", como ela mesma define, Fátima recebeu da mãe o maior incentivo "para aprender o novo" e mudar de cidade. "Mas nunca imaginei que viesse morar em São Paulo". Conseguir estudar e se formar já foi inesperado, por causa do alto custo. Ter ido à Antártida — fato que desperta a curiosidade das pessoas — é ainda mais inusitado para ela. "Às vezes penso nisso, não programei a maioria das coisas que me aconteceram e tudo foi dando certo."

Numa vida cheia de desafios, a Antártida foi o maior. No final de 1986 ela realizou a primeira viagem, porém, não chegou a sair da base chilena — escala das expedições brasileiras — devido a um mal tempo persistente. E por quinze dias foi hóspede "paparicada" dos chilenos e dispensada dos serviços rotineiros que a vida naquelas terras exige. "Os chilenos, comparados com os brasileiros, são mais rígidos, mas cheios de deferências com as mulheres".

A segunda viagem aconteceu em janeiro último, quando o avião da Força Aérea Brasileira deixou na estação chilena cinco cientistas e o pessoal da Marinha, que seguiram à bordo do navio Barão de Tefé até a base bra-

sileira, "uma das poucas onde não fica mulher no período de inverno", conta Fátima. A escolha do seu nome, no Gepa, para juntar-se à expedição, ocorreu sem problemas. Possuía a disponibilidade de tempo (ser solteira) e a familiaridade com os equipamentos para recolhimento de elementos que compõem o ar, fundamentais para o Gepa, que faz análises comparativas com amostras recolhidas em postos de diferentes países.

### Convivência Solidária

Ser mulher não significa ter privilégios dentro do Grupo da USP, formado basicamente por homens. Fátima conta que nunca esteve envolvida diretamente com as lutas do movimento feminista, mas procura tomar atitudes, no dia-a-dia, que façam com que não seja tratada de forma diferenciada, em detrimento da sua capacidade profissional. E na Antártida isso é fundamental. A estadia naquelas terras geladas "serve para desmistificar um pouco a questão da mulher, não só junto aos civis, mas também no convívio com os militares da Marinha, que administram a estação", diz. Para ela, a imagem da mulher frágil "diminuiu muito por lá". Cada um cuida e carrega o seu equipamento e todos, homens e mulheres, entram nas escalas de serviços rotineiros, como os de limpeza. "Ali", acrescenta, "tem de prevalecer a solidariedade, porque disso depende a sobrevivência de todo o grupo."

Por isso ela mesma ajudou a descarregar seus equipamentos — levados de helicóptero desde a base chilena. Depois, acompanhada de um alpinista, teve de escalar um morro para poder instalá-los e confessa que inicialmente chegou a vacilar: "Mas eu fui lá para isso, precisava subir". Subiu e teve mais sorte que uma companheira de expedição, que ao tentar medir a velocidade do vento, depois de uma tempestade, foi arrastada por ele e acabou sofrendo um acidente. "Ela se arriscou como qualquer outro pesquisador faria."

No período de um mês e meio em que permaneceu fazendo uma das coisas de que mais



Fátima: "Na Antártida prevalece o comportamento carinhoso e espontâneo entre os homens"

gosta — o trabalho de campo, intercalado por visitas às bases próximas — Fátima pode ouvir muitas histórias e acumular experiências novas de relacionamento, principalmente porque não conhecia previamente nenhuma das pessoas da base brasileira, desde o conjunto de cientistas até os homens da Marinha. "Eu sempre tive muito preconceito contra os militares." Mas na Antártida observou que "apesar de eles terem condutas rígidas que fazem parte da estrutura de sua carreira, é possível trocar idéias". Outra coisa que lhe chamou a atenção foi o comportamento carinhoso e espontâneo entre os homens, "coisa que não se vê normalmente noutros lugares e da manutenção de um hábito do mundo urbano: dar flores para as mulheres."

### Mulher na Pesquisa

Embora assegure não ter vivido na Antártida qualquer tipo de discriminação pelo fato de ser mulher, Fátima lembra o caso de uma cientista de outra estação que precisou usar força física para repelir abordagens sexuais dos homens com que convivia. Na dúvida, a Marinha brasileira parece ter optado pelos exemplos de convivência de mulheres e homens que deram certo em muitas estações, e vem estudando a possibilidade de permitir a permanência de mulheres na estação brasileira durante o inverno. É mais uma barreira que cai.

APESAR DE AS CIENTISTAS MULHERES SEREM DISCRIMINADAS CONSTANTEMENTE, EM SITUAÇÕES ESPECIAIS ISSO PODE MUDAR. É O CASO DAS EXPEDIÇÕES À ANTÁRTIDA, ONDE O MITO DE MULHER FRÁGIL CAI POR TERRA E PREVALECE A IGUALDADE E SOLIDARIEDADE, DAS QUAIS DEPENDE A SOBREVIVÊNCIA DO GRUPO.

Foto: A. C. (Anelli) Oceanográfico

Maria de Fátima Lourenço é jornalista especializada em Meio Ambiente

# Linha de Frente



Ana Maria Pinheiro: "Nós não somos compráveis, e é isso que irrita os poluidores".



Anna Guttemberg: "Uma atitude correta no trato com o meio ambiente começa dentro de casa".



Cacilda Lanuza: "A questão ecológica é um problema político, econômico e social".

## TRÊS MULHERES EM DEFESA DA VIDA

PAULA MAGESTE

As regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Cubatão e Volta Redonda são áreas críticas de poluição. O desmatamento da Amazônia, que ocupa 60% do território brasileiro, cresce 100% ao ano. Os rios da região são vítimas do assoreamento e das substâncias químicas. A ocupação desenfreada da orla marítima e o crescimento dos pólos químicos e industriais causam a poluição marinha, afetam a saúde humana e prejudicam a qualidade da água. A construção do lago de Balbina, destinado a servir Manaus, prejudicou um dos melhores pontos de reprodução de tartarugas. Jacarés são mortos a uma escala de 500 mil por ano no Pantanal para venda de peles. Matas nativas são substituídas por matas homogêneas o que destrói o equilíbrio ecológico. Fazendeiros fazem barragens que interrompem o curso dos rios do Pantanal e utilizam as baías secas como pasto.

Esses são apenas alguns exemplos dos desastres ecológicos que, sem nenhuma medida enérgica adotada pelo governo, multiplicam-se a cada ano no País. Com uma legislação desatualizada, órgãos governamentais ineficientes para garantir a proteção do meio ambiente, o Brasil vê surgir um número crescente de ecologistas atentos às ações dos impunes predadores, envolvidos num extenso e até mesmo heróico trabalho de conscientização da população para a preservação do que ainda resta.

Nessa linha de frente, que conta com a tímida atuação de alguns políticos, estão Ana Maria Pinheiro, Cacilda Lanuza e Anna Guttemberg,

que já percorreram um longo caminho na militância ecológica, em prol da qual dispenderam muito esforço pessoal; esforço que não é dirigido apenas ao combate dos poluidores e predadores, mas também à própria evolução do movimento ecológico brasileiro. Segundo as três ecologistas, o movimento no Brasil ainda é imaturo e enfrenta sérias dificuldades. A de ordem financeira, sem dúvida, é a mais forte de um ciclo que engloba tantas outras: falta de sede, de associados e contribuições.

Ana Maria Pinheiro, da União de Defesa das Baleias (UDB) — que não se restringe à defesa dos cetáceos — é membro da mesa coordenadora da Assembléia Permanente de Defesa do Meio Ambiente (Apedema) e integrante da diretoria da Sociedade de Amparo aos Animais. Para ela, "a falta de dinheiro acaba reduzindo o tempo da luta ecológica, pois temos que nos ocupar também das tarefas burocráticas, quando o ideal seria que dispuséssemos de renda suficiente para contratar uma secretária. Mas os brasileiros têm medo de fazer doações, com receio de que sejam utilizadas para outros fins. De fato, eles estão mais preocupados com sua sobrevivência imediata, o que é compreensível, mas esquecem que qual-

quer ação negativa no meio ambiente afetará diretamente sua saúde".

Cacilda Lanuza, ex-atriz que abandonou a profissão para se dedicar inteiramente ao movimento ecológico, integra o Grupo Seiva de Ecologia, que trata de todas as questões relacionadas com a fauna, flora, água, ar e solo. Ela conta que a entidade realiza o maior número possível de serviços na base da colaboração, "mas o correio é nossa maior despesa e não há meios de ser feito gratuitamente".

Anna Guttemberg, diretora da área educativa da União Internacional Protetora dos Animais (UIPA), fundada há 92 anos, acredita que toda questão que permeia a ação ecológica, destrutiva ou construtiva, passa pela ética: "Procuramos mostrar às pessoas que uma atitude correta começa dentro da própria casa e deve ser estendida ao trato com o meio ambiente".

### Luta sem trégua

Além dos problemas financeiros e da falta de participação popular, desinformação é outro mal de que reclamam as ecologistas. "Por não termos uma sede própria", diz Pinheiro,

"não temos um local para a organização de um arquivo ou de um centro de documentação". Cacilda, do Seiva, conta que possui um imenso arquivo particular que é utilizado pelo Grupo: "Tivemos também a oportunidade de começar a organizar uma pequena biblioteca para os associados, mas agora estamos sem sede e o material vai ficar guardado".

No entanto, as ecologistas, juntamente com seus grupos, driblam as dificuldades e abraçam o movimento. "Toda vez que o caráter romântico da luta ecológica é esquecido por alguém, essa pessoa é corrompida e finge ser ecologista sem ser. Nós, verdadeiros ecologistas, não somos compráveis, e é isso que irrita os poluidores. Eles não estão acostumados com isso neste País. Nossa paixão pelo movimento é nossa grande arma e a melhor das propagandas", afirma Ana Maria Pinheiro.

"O que acontece no Brasil é grave", salienta Cacilda. "A população não tem consciência de que a questão ecológica não é um fato isolado, mas um problema político, econômico e social. Político porque depende da boa vontade e dos interesses dos políticos; econômico porque os poluidores são grandes empresas ou conglomerados que pressionam o governo; social porque afeta a qualidade de vida de todos", continua.

"Nós somos gente muito chata", confessa Pinheiro. "Incomodamos e ninguém nos faz calar a boca, pois somos supra-partidários. Recentemente mudamos nossa linha de atitude. À medida em que o governo está mais cínico, mais permissivo com os predadores; à medida em que se radicalizam os pactos, nós radicalizamos as ações. Elas agora são chamativas, rápidas e agressivas. Mas sem violência, é claro".

# CONSTITUINTE E MEIO AMBIENTE

**D**as ecologistas, a mais otimista em relação à Constituinte é justamente Ana Maria Pinheiro, porém sem ilusões. "A Constituinte está uma colcha de retalhos, mas pelo menos há uma subcomissão — a da Saúde, Seguridade e Meio Ambiente — encarregada do assunto". De fato, algumas vitórias foram conseguidas no anteprojeto constitucional: áreas degradadas serão recuperadas; métodos e substâncias que signifiquem risco para o meio ambiente e a qualidade de vida terão sua produção, comercialização e emprego controlados; a educação ambiental será incentivada em todos os níveis de ensino; um fundo de conservação e recuperação do meio ambiente será constituído a partir de contribuições que incidam sobre atividades poluidoras e a exploração dos recursos naturais. O difícil será tirar do papel para a prática.

Na Constituinte, a reforma agrária foi um dos temas mais polêmicos e que implica diretamente em fatores ambientais. Guttemberg é favorável à reformulação da política agrícola: "Não adianta dar pequenos pedaços de terra improdutivos aos agricultores, porque eles não conseguirão subsistir e acabarão vendendo esta terra aos grandes produtores. É necessário recuperar a terra e dar informação aos agricultores, criar toda uma infra-estrutura que torne possível a vida no campo; só então a distribuição pode ser feita".

O Proálcool é outro assunto complexo. As ecologistas são unânimes em dizer que a verdadeira indústria que se tornou o cultivo da cana é irracional. Terras extremamente férteis estão sendo utilizadas e esgotadas pela monocultura da cana, sem se falar nos resíduos



Ilustração: Roberto Emilio Negrine

inaproveitados — o vinhoto — que são despejados indiscriminadamente nos rios, funcionando como agente poluidor.

Ana Maria Pinheiro ressalta que "o governo deve desenvolver uma política rígida de controle ambiental, não permitindo que indústrias considerem o equipamento antipolvente um mero acessório. Paralelamente, deve ser desenvolvida uma pesquisa muito extensa sobre o aproveitamento de resíduos".

Para se ter uma idéia da brutalidade da predação, a UDB realizou em 1985, junto à Carteira de Comércio Exterior (CACEX), um levantamento da importância econômica da atividade baleeira no Brasil. De acordo com os dados apurados, o percentual da exportação dos produtos derivados deste mamífero — especialmente a carne, que vai para o Japão — é da ordem de 0,01% em relação às exportações globais do País. Logo, não pode ser considerada uma atividade de peso na balança comercial, tampouco de ponta.

Além disso, no município de Lucena (PB), único local onde se dá a pesca, o consumo per capita de carne de baleia é 0,23 gramas, o que equivale a um comprimido. Há ainda um agravante: a caça à baleia é realizada em época de reprodução, período em que esse animal pode ser encontrado em nosso litoral.

Pinheiro dá o ultimato: "O que existe é uma política de ação entre amigos. Certas medidas não são tomadas e exigências não são cumpridas. O comportamento dos altos escalões do governo tem que mudar e os empresários têm que se conscientizar. Não podemos mais brincar, pois os recursos naturais não são inesgotáveis". (PM)

## Cultura caçara: um novo projeto de preservação

Além dos grupos autônomos, a luta ecológica também acontece através de órgãos governamentais. O Parque Estadual da Serra do Mar, numa área de 310 mil hectares, chamada Picinguaba, é o objeto de trabalho de um grupo composto por aproximadamente quarenta pessoas — agrônomos, arquitetos, biólogos, botânicos etc. — entre elas Janina Maria Ademenas.

O Projeto Picinguaba surgiu em 1984, a partir de um convênio entre a Superintendência para o Desenvolvimento do Litoral Paulista (Sudelpa) e o Instituto Florestal, e atualmente é gerido pela Secretaria do Meio Ambiente (Sema). A realização de seus objetivos é canalizada em duas frentes básicas: o trabalho com a comunidade local e com o público infantil que visita o Parque.

Segundo Janina, a principal meta do Projeto é "pesquisar e propor a preservação da cultura caçara através de um trabalho de educação ambiental junto a os moradores e turistas, dando atenção especial às crianças. Dentro desse contexto, pretendemos que as pessoas da própria

comunidade ministrem um curso de tecnologias patrimoniais, ensinando artesanato aos caçaras, visto que esta é uma fonte de renda que não descaracteriza sua cultura".

Dentro do Parque existe uma Casa de Farinha que também está na mira dos integrantes do Projeto Picinguaba: "Queremos ajudar os agricultores, por meio de assistência técnica, a atingirem a capacidade produtiva de 600 quilos de farinha por dia, além de promover a criação de uma associação ou cooperativa dos produtores de farinha, no intento de fugir da paternalização do Estado. Para isso, estamos buscando o apoio de instituições financiadoras", relata Janina.

Como todo projeto do gênero, o Picinguaba enfrenta dificuldades como o descrédito, a desinformação das pessoas e a demora na liberação de verbas para a indenização dos posseiros que concordam em deixar o local. No entanto, os integrantes do Projeto e, em particular, Janina, acreditam que serão bem sucedidos na execução dos programas que estabeleceram.

# PARABÊNS A VOCÊS

O PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA REVISTA **PRESENÇA DA MULHER** REUNIU DURANTE TRÊS DIAS, NO RIO DE JANEIRO, CENTENAS DE MULHERES DE VÁRIOS ESTADOS, A MAIORIA DO PC DO B. EM UM CLIMA DE CARINHO E MUITA EMOÇÃO, O DEBATE SUPRAPARTIDÁRIO COM ALGUMAS DEPUTADAS FEDERAIS FOI O PONTO ALTO DO ENCONTRO. A AUSÊNCIA DA GRANDE IMPRENSA MARCOU, UMA VEZ MAIS, A MARGINALIDADE DO ESPAÇO RESERVADO ÀS MULHERES NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.

**INÊS CASTILHO**

Os espaços marginais concedidos pela grande imprensa às notícias sobre mulheres, construídas sempre em cima de nomes próprios. O convite à alienação representado pelas revistas femininas, com seu padrão de mulher colonizada que consome, indiscriminadamente, tanto geladeiras, quanto a vida íntima de gente famosa. Os problemas enfrentados pela imprensa feminista, de vida efêmera, recursos precários e pequenas tiragens. A importância real de ter-se uma imprensa gerida e realizada por mulheres, já que ela não consegue subexistir.

Esses eram alguns dos possíveis pontos de discussão para o debate que não houve sobre Imprensa Feminina, pauta do primeiro dia do 1º Encontro Nacional de Entidades Emancipacionistas de Mulheres, Avanços e Desafios da Nova Mulher, organizado em comemoração ao primeiro aniversário da revista **Presença da Mulher** no Rio de Janeiro, de 17 a 19 de julho. Por si só, essa ausência indica outros pontos a serem debatidos: a (des)valorização de mulheres (geralmente notáveis) com relação à sua própria imprensa, já que não compareceram duas das quatro debatedoras — a escritora e deputada estadual Heloneida Studart (PMDB-RJ) e a jornalista Belisa Ribeiro; e a dificuldade de organização das promotoras do encontro (refletindo a própria dificuldade de organização do movimento feminista, dentro e fora dos partidos políticos), que tiveram a programação atrasada em pelo menos duas horas.

Mas não se pode por isso dizer que o encontro fracassou, ao contrário. Além de debaterem problemas como a necessidade de garantir a descriminalização do aborto na nova Constituição, as setecentas mulheres de dezoito estados presentes ao encontro puderam assistir a um belo debate suprapartidário realizado com as deputadas constituintes Benedita da Silva (PTFRJ), Moema São Thiago (PDT-CE), Lídice da Mata (PC do B-BA) e Beth Azize (PSB-AM), que contou ainda com a presença da deputada estadual Jandira Feghali (PC do B-RJ).

Benê arrasou. Impecável em seu tailleur de linho branco e sapato alto vermelho, ela não conseguiu resistir aos gritos da platéia de "canta, canta...", dote pouco conhecido da deputada que foi revelado pela coordenadora do encontro e di-

retora da **Presença da Mulher**, Ana Maria Rocha. E emocionou com sua voz de contralto, cantando em yorubá e colocando em pauta, desde já, a sua negritude. "Não acredito em socialismo sem feminismo", disse Benê, pedindo solidariedade para a mulher negra e pobre. Ela vinha do enterro de Estela Márcia Vieira Santos, 13 anos, assassinada pelo detetive José Paulo da Silva Burgos no morro do Tuiuti, numa diligência policial. Lembrou ainda as lavadeiras, camelôs, empregadas domésticas e prostitutas, as faveladas que desde 1957 enfrentam as remoções, abortando muitas vezes por causa da agressão dos militares, e apesar disso são até hoje anônimas na história da resistência e do avanço das mulheres na luta popular.

Não era fácil falar depois do canto quente de Benê, que encerrou sua intervenção saturando de emoção o auditório, e Moema São Thiago sabia disso. Ainda assim, as falas que se seguiram, de Moema, Lídice, Beth e Jandira, traziam em comum a garra e determinação de mulheres que se reconhecem para além das siglas partidárias e diferenças de raça. Mulheres grandes e fartas, a negritude de Benê em forte contraste

com a pele e cabelos claros de Beth, todas revelando um grande carinho pela "grande pequeninha" que é Lídice, na definição de Benê. A solidariedade e respeito entre mulheres tão diferentes foi estendida por Lídice também às deputadas Maria Abadia (PFI-DF), Wilma Maia (PDS-RN), Ana Rattes (PMDB-RJ) e Raquel Capiberibe (PMDB-AP), que apesar das siglas por que se elegeram vêm atuando de forma conjunta na batalha por uma Constituição representativa dos avanços da sociedade brasileira.

O caráter suprapartidário do encontro "sempre mais rico, quando é iniciativa das mulheres", como definiu Benê, representado tanto pela composição da mesa como também pela presença, na platéia, de mulheres de diferentes partidos e de partido nenhum, caracterizou mais uma vez uma forma de trabalho feminino. A ausência de qualquer órgão da grande imprensa num encontro de tal importância marcou a necessidade de discutir, rediscutir, analisar e solucionar os problemas que impedem a consolidação de uma imprensa feminista nacional.

## PUBLICAÇÕES



• **Peace & Freedom**, abril/maio de 1987, U.S. Section of the Women's International League for Peace & Freedom. O carro-chefe deste número é a matéria sobre a política intervencionista norte-americana, especialmente na Nicarágua e na África do Sul. Há um relato do Congresso Mundial realizado em Copenhagen, em outubro passado, para comemorar o Ano Internacional da Paz, com o tema "Resguardar a paz e o futuro da humanidade". Endereços: 1213 Race St., Philadelphia, PA 19107, USA; 1 rue de Varembe, 1211 Geneva 20, Switzerland.

• **Boletim do Grupo Gay da Bahia**, nº 14, abril de 1987, Salvador, quadrimestral. O GB tem por finalidade lutar contra todas as manifestações de discriminação e preconceito anti-gay, através da conscientização do maior número possível de homossexuais da necessidade de se organizarem e exigirem o cumprimento de seus direitos. Esta edição traz uma pequena matéria sobre os gays e a Constituinte e uma reportagem sobre a utilização da homossexualidade como arma política nas

campanhas eleitorais, além de uma lista de homossexuais assassinados.

• **Corrente**, nº 266, semanal, Pirapora. Esta edição dá manchetes à violência praticada contra a mulher em Pirapora, interior de Minas. Só nos últimos dois meses, quatro mulheres foram brutalmente assassinadas, sendo uma delas também vítima de violência sexual. Há também artigo sobre os sem-terra, propostas dos constituintes e uma análise do problema da Aids por um teólogo. redação: Rua Quintino Vargas, 374, Caixa Postal 40.

• **A Chave**, fevereiro de 1987, Jornal das Reeducandas da Penitenciária Feminina de Tremembé, interior de São Paulo. Como diz Dulcineia Pozzo no editorial, o periódico é um instrumento fundamental para a troca de informações e experiências entre as detentas. Com o objetivo de esclarecer sobre os direitos legais foi criada a seção "Informação", que neste número traz uma entrevista com membros da assistência Judiciária da Penitenciária a respeito dos recursos que normal-

mente são pleiteados durante a transição carcerária, como o Regime Semi-aberto. O endereço para correspondência é Caixa Postal 20, CEP 12120.

• **Bancário Mulher**, nº 6, maio de 1987, Rio de Janeiro Departamento de Imprensa do Sindicato dos Bancários. O boletim fala da participação feminina na última greve, das conquistas da categoria em cada banco e traz um apelo à ampliação das Delegacias a Mulher.

• **Herizons, Women's News and Feminist Views**, março de 1987, vol. 5, nº 2, Canadá. A revista atravessa um momento crucial com o fim do financiamento que recebia de um programa governamental e, por isso, este número - realizado com verba proveniente de doações de leitoras que se sensibilizaram com o apelo da última edição - pode ser o último.

Os destaques são os depoimentos de dez mulheres ligadas ao movimento feminista, falando dos rumos deste e do que ele representa para suas vidas; uma matéria sobre mulheres compositoras e uma entrevista com a artista plástica Wanda

Koop. Contatos através do endereço: 200-478 Ave., Winnipeg, Man. R3L 0C8.

• **Mujer Fempress**, nº 69, maio de 1987, Unidad de Comunicación Alternativa de la Mujer, Chile. Com correspondentes em diversos países da América Latina, o boletim aborda temas significativos em cada um deles, como a imagem da mulher negra no Brasil, a irresponsabilidade paterna após o divórcio na Venezuela, a fuga marcada por violência dos dominicanos para Porto Rico. Há também uma coletânea de recortes de jornais latino-americanos, com interessante contribuição brasileira: Carlos Abenza, engenheiro, escreve sobre o machismo e suas repercussões no universo masculino. Endereço: Casilla 16-637 Santiago 9.

• **A Voz do Povo**, nº 39, abril/maio de 1987, Boletim Informativo dos Movimentos Populares, Lins, interior de São Paulo. O boletim dedica três páginas à explicação do mecanismo que permite à participação popular na Constituinte, fala das lutas das mulheres, da Divida Externa e das Diretas, do Pro-

# UMA REDE DE INFORMAÇÃO TECIDA POR MULHERES

NO MUNDO DA INFORMAÇÃO, AS MULHERES SÃO QUASE SEMPRE EXCLUÍDAS. NA TENTATIVA DE MINORAR ESTA REALIDADE FOI CRIADA A SEMLA, UMA REDE DE NOTÍCIAS COM 29 CORRESPONDENTES EM QUINZE PAÍSES DA AMÉRICA LATINA E APOIO DA INTER PRESS SERVICE.

ODACY COSTA

No primeiro semestre, 21 mulheres se reuniram em San José, Costa Rica, para avaliar o trabalho e as possibilidades de expansão do Serviço da Mulher Latino-Americana (Semla), uma entidade que é no Brasil praticamente desconhecida. Trata-se de uma rede de informações que há mais de um ano vem divulgando pelo mundo a situação da mulher em inúmeros países, sendo que o material da Semla é utilizado por jornais e outros meios de comunicação. Estiveram presentes à reunião de San José as duas correspondentes da Semla no Brasil, as jornalistas Odacy Costa e Thais Corral.

Os artigos veiculados pela Semla são voltados para o desenvolvimento pleno da mulher e a necessidade de cobrir os espaços vazios que nos caberiam nos meios de comunicação. Para explicar a importância da existência de uma rede como a Semla, a coordenadora do serviço em Costa Rica, Isabel Ovares, citou os dados de um relatório apresentado pela Unesco há dez anos, segundo o qual 80% das notícias que circulam no planeta são provenientes de Nova Iorque, Londres

ou Paris, através de cinco grandes agências de notícias internacionais. Isso significa que o mundo, inclusive o nosso, o Terceiro, é visto e analisado segundo a ótica dos jornalistas estrangeiros destas cinco potências da informação.

Mas, outro desequilíbrio maior afeta os meios de comunicação e diz respeito aos protagonistas dos noticiários. Quem são eles? Os presidentes, os ministros, os grandes empresários, os militares, enfim os detentores do poder. Quanto às mulheres, protagonistas cada vez mais importantes deste planeta, são invisíveis nos noticiários. Especialmente nas páginas de economia e política, duas das grandes forças de controle do mundo.

Isto é mais curioso ainda no caso do Brasil, onde se percebe que a profissão de jornalista, especialmente a de repórter, está se tornando cada vez mais feminina. São na maioria femininos os rostos que vemos nos telejornais. Na reportagem da TV Manchete no Rio, por exemplo, são treze mulheres e seis homens. Nas redações de jornais é também cada vez maior o número de mulheres. Se por um lado isto é vantajoso do ponto de vista mercado de trabalho, não deixa de ser inusitado que os noticiários colhidos diariamente por estas mulheres só ex-

pressem a palavra e a opinião dos homens. A pretensão, nada fácil, convenhamos, da Semla, é lutar contra esse tipo de desequilíbrio, e dar a palavra às mulheres, especialmente sobre os temas em que quase nunca é consultada:

A Semla teve como origem a Oficina Informativa da Mulher (OIM), criada em 1979, em Roma, mas se consolidou efetivamente em 1984. Até então a maioria dos artigos eram produzidos em Roma, sobre temas da mulher na Europa, Ásia e África, não refletindo em quase nada a realidade da mulher latino-americana.

## Novos Caminhos

Em março de 86, mudou-se a direção, e os rumos da rede. A Coordenação Geral, em Roma, foi assumida por Anita Anand, de nacionalidade indiana e especialista em meios de comunicação. A OIM passou a se chamar Semla — consolidando-se como uma rede voltada para a América Latina. A partir daí todos os artigos passaram a ser produzidos por jornalistas de cada um dos países da América Latina.

Hoje a Semla conta com 29 correspondentes em quinze países latino-americanos, e cada correspondente escreve um artigo (especial) por mês, focalizando os mais diversos aspectos referentes à mulher. A Semla conta com o apoio técnico e econômico da Inter Press Service (IPS), agência alternativa que tem como prioridade a informação sobre os países do Terceiro Mundo. O material preparado pelas correspondentes é entregue nos escritórios da IPS em cada país, e daí transmitidos para a Coordenadora do serviço em San José, onde o material é traduzido e distribuído pela rede internacional da IPS, que opera em setenta países.

Devo dizer que, analisando a avaliação do aproveitamento das matérias distribuídas pela Semla, segundo os dados registrados pelo computador da Coordenação Geral em Roma, fiquei emocionada ao constatar que matérias minhas eram publicadas em países como, por exemplo, Zimbawe, Bolívia, Venezuela, México e tantos outros. Como jornalista considero um privilégio escrever e compartilhar nossos problemas e inquietudes com gente de lugares tão distantes.

Mas nem só de trabalho se falou nesses cinco dias na agradável cidade San José. Foi uma oportunidade para as mulheres se conhecerem — afinal era o primeiro encontro. Mas é impossível citar todas. Lembro, especialmente, a eficiência e a ternura com que Isabel Ovares conduziu este primeiro encontro; a energia calorosa da cubana Mariana Ramirez que se considera um pouco brasileira, pois durante a guerrilha viveu por um tempo na residência do então embaixador do brasileiro Vasco Leitão da Cunha; a nicaragüense Desirés Palais que é só entusiasmo quando o assunto é a Nicarágua.

Seria preciso falar também em Matilde (chilena, exilada no Equador); a venezuelana Marianela Balbi, e de outras mulheres que espalham pelo mundo palavras, sentimentos e emoções. Com um mesmo sonho — construir um mundo melhor para todos, homens e mulheres. E, como jornalistas, consideramos que a informação é um bem social e que deve ser facultado indistintamente a pessoas de ambos sexos.

Para um maior aproveitamento e distribuição dos artigos a Semla iniciou em março passado a publicação de um boletim em língua espanhola, e aí vai o nosso "comercial": é um ótimo documento para associações feministas, (ou não) entidades, universidades, bibliotecas, pesquisadores ou qualquer pessoa interessada no estudo, análise, ou documentação sobre a mulher. Por enquanto o Boletim é bimensal, mas planeja-se que saia mensalmente. Assinaturas podem ser feitas com as correspondentes da Semla em cada país. No Brasil, os interessados podem escrever para Semla, Rua dos Otis, 35/ 304, CEP 22.451, Rio de Janeiro-RJ. Um exemplar-amostra será oferecido grátis aos interessados.

Odacy Costa é jornalista no Rio de Janeiro e representante da Semla

jeto Calha Norte de Militarização das áreas de fronteira — que pode levar à extermínio de tribos indígenas. Correspondência: Caixa Postal 39, CEP 16.400.

● **Broadside, A Feminist Review**, vol. 8, nº6, abril de 1987, Canadá. Este número contém artigos sobre os direitos das lésbicas, informativos sobre movimentos de mulheres, uma entrevista com Gayle Bezaire - mãe lésbica que perdeu a custódia dos filhos e foi julgada em maio deste ano - e um estudo sobre a mulher e a mídia. O editorial trata da luta pela aprovação de uma legislação que garanta direitos de pagamento igual para homens e mulheres. Correspondência: P.O.Box 494, Station P, Toronto, Ontario, Canadá, M5S 2T1.

● **Mujeres en Accion**, nº 7, trimestral, Isis Internacional, Chile. Este número traz a notícia do triunfo do Sindicato das Costureiras do México que, após um ano de luta, conseguiu seu reconhecimento legal; a criação de uma Rede de Solidariedade entre as mulheres árabes; e novas publicações, conferências e encontros que se realizarão em 1987. Além disso, um Guia de Recursos Audiovisuais de Mulheres, que contém uma lista descritiva de seiscentos audiovisuais; 250 endereços de organizações que produzem ou distribuem o material, extensa biografia, artigos e entrevistas

sobre experiências de mulheres, especialmente do Terceiro Mundo. Endereços: Via Santa Maria del'Ánima 30, 00186 Roma, Itália e Casilla 2067, Coreo Central, Santiago, Chile.

● **Rede Mundial de Mujeres para los Derechos Reproductivos**, jan/mar de 1987, Holanda. A Red - que edita este boletim homônimo - tem o objetivo de garantir a escolha da mulher de ter ou não filhos, conhecendo meios anticoncepcionais seguros e eficientes. A publicação também defende o aborto legal e libertação dos abusos e práticas discriminatórias. A Rede Mundial traz uma crítica da literatura sobre mulheres e saúde na África, informação sobre inovações no cuidado sanitário, matéria sobre a mulher e a Aids, um guia de inseminação artificial e depoimentos sobre a sexualidade na adolescência. Contatos: Women's Global Network on Reproductive Rigts, POBox 4098, 1009, AB Amsterdam, Netherlands.

● **Mujeres del Continente contra la Intervención**, nº 3, Abril de 1987, Frente Continental de Mujeres (FCM), Nicarágua. O editorial fala das manifestações do 8 de Março, da discriminação contra a mulher e da necessidade de se promover sua incorporação nos sindicatos, cooperativas, Comitês de Defesa Sandinista, associações profissionais, estudantis etc.

Além de um comentário sobre a cineasta Suzana Amaral e seu último filme, "A Hora da Estrela", há um artigo sobre a educação popular entre mulheres, as condições econômicas do povo equatoriano, as guerrilheiras salvadoreñas e uma análise da submissão da mulher do ponto de vista da economia. FCM: Apartado Postal 847, Managua.

● **Viva!** nº 10, abril/maio de 1987, Centro de la Mujer Peruana Flora Tristán, Peru. O tema principal desta edição é a questão da maternidade — as leis, as partearias, a depressão pós-parto e a liberdade escolha. Há também uma matéria sobre a política de população e sobre o novo movimento ecológico no Peru. Endereço: Parque Hernan Velarde nº 42, Lima.

● **Palavra de Mulher**, nº 7, maio de 1987, Órgão Oficial da União de Mulheres de Divinópolis, Minas Gerais. O Boletim concentra-se na questão da mulher e a Constituinte, ressaltando a importância de uma participação ativa e de um permanente estado de alerta para garantir a consecução dos objetivos de leis de igualdade em relação aos homens. Há ainda uma matéria sobre o I Encontro Regional de Mulheres, realizado em Divinópolis, onde foram discutidos o preconceito racial, os problemas da trabalhadora rural, as leis, Constituinte e Constituição.

● **Ideas & Acción**, nº 170, maio de 1986, Campaña Mundial contra el Hambre/Acción pro Desarrollo, Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación, Estados Unidos. Três grandes artigos compõe este número: o primeiro analisa as experiências feitas com comunidades de pescadores em Bangladesh, parte do Programapara o Golfo iniciado em 1979, financiado pela Autoridade Sueca para el Desarrollo Internacional (ASDI); o segundo acerca de um livro publicado a respeito dos incentivos de organizações governamentais e do próprio governo para desenvolvimento de determinadas regiões, questionando sua eficiência e os benefícios que de fato levam a esses locais; e o último sobre um manual de agricultura nível de aldeias da África tropical, produzido pela Bélgica e pela França.

● **Quehaceres**, nº 4, abril de 1987, Santo Domingo, Centro de Investigación para la Acción Femenina. O editorial relembra os importantes acontecimentos ocorridos em abril e abre uma perspectiva de atuação para as mulheres. O assunto sobre o qual todas as matérias deste número acabam recaindo é a necessidade de participação política da mulher e, principalmente, a crescente participação daquelas dos setores populares mais pobres. CIPF: Luis F. Thomen nº 358, Ens. Quisqueya, Santo Domingo, D.N.

## Comportamento: o que mudou?

NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS, A CABEÇA DAS MULHERES E DOS HOMENS SOFREU UMA GUI-NADA. CRESCEU A ADESAO AO ABORTO E MOVIMENTOS FEMINISTAS. PORÉM, ALGUMAS INSTITUIÇÕES, COMO O CASAMENTO, PERMANECERAM COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA A CONSERVAÇÃO DAS ATITUDES FEMININAS.

FÁTIMA JORDÃO

O que aconteceu com a cabeça da mulher brasileira nos últimos 20 anos? Em 1966, a revista **Realidade** publicou uma extensiva pesquisa de âmbito nacional, tentando retratar o que pensava e que atitudes tinha a brasileira diante de uma série de questões morais, comportamentais, éticas e políticas.

Confrontando com outras pesquisas publicadas nos últimos meses nos jornais e revistas, no ensejo dos debates na Constituinte, pode-se tentar traçar um quadro de como evoluíram (ou estagnaram) na cabeça das mulheres brasileiras algumas questões.

A comparação que os dados propiciam é imperfeita, pois os referenciais das pesquisas não são simétricos - há diferenças entre os universos amostrais e também na formulação das perguntas. Mesmo assim, vale como um retrato, ainda que impreciso, entre duas décadas.

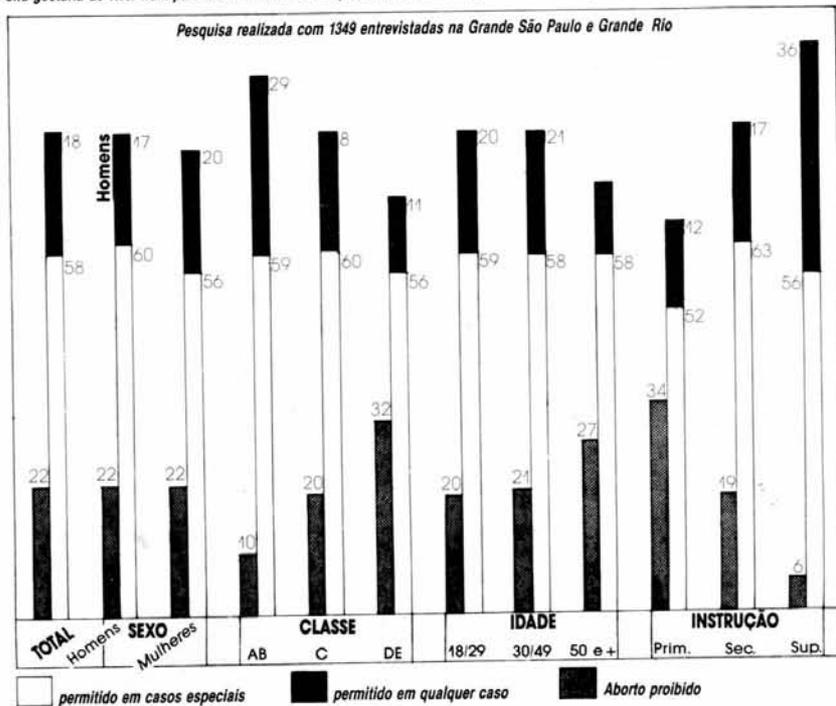
Para situar a época da primeira pesquisa, basta lembrar que a edição especial de **Realidade** sobre a mulher, que a publicou, foi inteiramente apreendida nas bancas pela polícia. Uma coisa é clara: nem as opiniões expressadas na pesquisa, nem os conteúdos de matérias como "Eu me orgulho de ser mãe solteira" ou "Por que a mulher é superior", tinham algo demais. A época — primeiros anos da ditadura militar — é que tinha liberdade de menos.

Nessa época, 72% das mulheres respondiam que tinham medo do comunismo. Na própria formulação de algumas perguntas - independentemente das respostas — já se expressava o confinamento dos enfoques. Por exemplo: "É justo casar sem amor, só para reparar o mal?" (sic) ou ainda "Considera o homossexualismo uma doença? (e não vício)".

Na época, um terço das mulheres casadas diziam que seguiam a orientação do marido para votar, 59% achavam os homens mais inteligentes que as mulheres e 25% delas tinham vergonha de falar sobre sexo. Ítala Nandi afirmava, na reportagem de **Realidade**: "Liberdade sexual, antes de mais nada, faz parte da soma total de infinitas liberdades. (...) A única liberdade de que goza a mulher brasileira é a de escutar o homem e curvar a cabeça. Ela não participa de nada, não sabe nada. E não porque não quer, mas porque não pode".

Pergunta:

O Sr(a) gostaria de viver num país onde o aborto fosse: proibido, permitido apenas em casos especiais ou permitido em qualquer caso?



Passados alguns anos e algumas "Malus" e "Porcinas" pela TV-Globo, conquistados outros tantos espaços de cidadania e tendo-se Irene Ravache falando em "criatividade sexual" em anúncio da campanha sobre Aids às 7 h. da noite, o que mudou?

Uma das mudanças foi o nível de consciência das mulheres de que a sociedade é desigual e que a discriminação e os preconceitos contra a mulher fazem parte do ambiente social do País. Os movimentos feministas ganharam as mentes das brasileiras.

Em 1966, apenas 50% das mulheres admitiam que não existia igualdade entre os sexos. Hoje, segundo pesquisa Ibope publicada no **Jornal do Brasil** (31.5.87), 77% declaram que existe preconceito contra a mulher (amostra representativa das mulheres das regiões metropolitanas do Rio e S. Paulo).

Talvez por isso a grande maioria (65%) de homens e mulheres se declaram a favor dos movimentos feministas (Ibope/maio de 87), ao contrário do que fazem supor os estereótipos depreciativos que circulam atualmente pelos meios de comunicação.

Outra questão que se pode comparar é a atitude da mulher em relação à virgindade para o casamento. Em 66, a grande maioria (67%) achava que as mulheres deviam casar virgens. Afirmava a radialista Sarita Campos, na mesma edição de **Realidade**: "Seria ideal para um

homem que sua futura esposa fosse pura e virgem". Hoje, radialistas até podem continuar dizendo essas coisas, mas caiu para 40% a proporção de mulheres que concordam com essa postura, (Ibope/maio de 87).

Uma evolução, sem dúvida, mas a ótica ainda é conservadora e machista: as próprias mulheres não fazem esta exigência para os homens, pois apenas 8% delas acham que o homem deva casar virgem.

O casamento é, aparentemente, o espaço privilegiado para a conservação das atitudes femininas. Nele, a fidelidade, tanto masculina como feminina, é desejada hoje por 85% das mulheres (Ibope). Há vinte anos, 41% justificavam a infidelidade para a mulher — atitude que se polarizava em relação ao comportamento masculino e que evoluiu para um desejo de igualdade, mantendo sagrada a estabilidade da união.

A crescente inserção da mulher no mercado de trabalho foi uma realidade destas últimas décadas e as atitudes apenas acompanharam essa evolução: eram 22% as mulheres que achavam que a mulher deveria trabalhar, ainda que não houvesse necessidade econômica. Hoje, são 46% (Ibope/maio de 87).

A questão do planejamento familiar já contava, há 20 anos, com o consenso das mulheres: 87% diziam que os pais tinham o direito de evitar filhos. O consenso permaneceu e a posição evoluiu no sentido de incorporar o Estado no papel de facilitar acesso aos meios de

contracepção. Pesquisa realizada pelo Instituto Gallup e publicada no jornal **O Globo** (17.5.87) indica que 67% das mulheres (Rio e São Paulo) pensam que o Estado deve atuar nessa direção.

Finalmente, a questão, hoje tópica e polêmica, do aborto. Há 20 anos, as publicações falavam em 1,5 milhão de abortos provocados por ano no País — hoje as cifras triplicaram. A pergunta colocada na pesquisa de **Realidade** era condicionada: "O aborto é admissível em casos extremos?" Dois terços das mulheres responderam positivamente e as diferenças devidas ao grau de instrução eram marcantes: 73% das universitárias achavam admissível, contra apenas 34% das mulheres analfabetas. A aprovação do aborto, hoje, sobe para 76% entre as mulheres, sendo que 56% acham que apenas em casos especiais (risco de vida, estupro ou possibilidade de deformação ou retardamento da criança). Desapareceram as diferenças devidas ao nível de instrução, mas a aprovação é maior nos segmentos de escolaridade superior entre os 20% que aceitam o aborto sem condicionantes. Ainda, um quinto das mulheres acham que o aborto devia ser proibido. Os que mais pensam assim são os segmentos de mais baixa renda ou de mais baixa instrução.

Fátima Jordão é pesquisadora de opinião e conselheira do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo.

# Imprensa feminina no Século Passado

A Mensageira • Edição fac-similar em dois volumes  
São Paulo, Imesp, 1987

MARIA LÚCIA  
DE BARROS MOTT

No final do século XIX, São Paulo não possuía mais de 240 mil habitantes apesar de ter se tornado, naquelas últimas décadas, a segunda cidade do País, graças, principalmente, ao café. A cidade modernizava-se, surgiam novas indústrias, ocorrendo um enorme êxodo de imigrantes das fazendas para a capital. Em 1891, a cidade passou a ter luz elétrica; em 1892 era inaugurada a Avenida Paulista; em 1893 circulava o primeiro automóvel; em 1894 houve a mudança da Escola Normal para o prédio novo da Praça da República; em 1896 foi criado o primeiro jardim de infância da cidade (anexo à Escola Normal); e em 1897 começava a circular **A Mensageira**, revista literária dedicada à mulher brasileira. Este não foi, porém, o primeiro periódico publicado por mulheres em São Paulo; teve um importante antecessor, **A Família**, "jornal literário dedicado à educação da mãe de família", editado por Josefina Alvares de Azevedo, em 1888.

## Dedicação a toda prova

Prisciliana Duarte de Almeida (1867-1944), poetisa e editora de **A Mensageira**, era mineira de Pouso Alegre, onde, juntamente com sua prima Maria Clara da Cunha Santos, publicou **O Colibri**, jornal bimensal manuscrito, de tiragem limitada e distribuído gratuitamente. Já em São Paulo, casada com o poeta e professor Sílvio de Abreu, mãe de três filhos e sem muitas posses, não tendo como sustentar uma edição da nova revista, fez cinquenta cópias manuscritas, que, vendidas, subsidiaram a primeira edição.<sup>(1)</sup>

O pagamento das assinaturas deveria ser adiantado. Até o número 15, a editora garantia ao assinante a publicação da revista por um ano. Uma das colaboradoras pedia que os leitores não emprestassem seus exemplares (diríamos hoje, nada de xerox!) pois a venda era fundamental para a sobrevivência da publicação. Durante três anos o preço do número avulso permaneceu o mesmo (mil réis), embora a assinatura por ano dobrasse de preço na segunda fase.

Inicialmente **A Mensageira** tinha uma periodicidade quinzenal (de 15 de janeiro de 1897 a 15 de setembro de 1898). Devido à morte de um dos filhinhos de Prisciliana — cuja dor transparece nas páginas da revista — a publicação sofreu uma interrupção de cerca de cinco meses, tornando-se, então, mensal (de 15 de fevereiro de 1899 a 15 de janeiro de 1900).

A revista teve leitores em várias cidades, do interior às capitais de vários Estados e mesmo na França, em Portugal e no Chile. No Rio de Janeiro era vendida na casa da editora de música Júlia Feliponne; em São Paulo na livraria Garroux e na livraria Brasil.

## A Importância da Educação

Contando com a colaboração voluntária e gratuita de homens e mulheres, **A Mensageira** não teve os necessários recursos para manter colaboradores de profissão, mas contou com artigos das mais famosas feministas da época, como Júlia Lopes de Almeida, Narcisca Amália, Ignez Sabino; e de festejadas poetisas, como Francisca Júlia, Zalina Rolim, Aurea Pires e Auta de Souza, entre outras; teve também a participação de escritoras e escritores estrangeiros, mesclando em um só número matérias inéditas e transcrições de outras publicações.

O objetivo da revista, segundo Prisciliana afirma no editorial do primeiro número, era de que a revista estabelecesse entre as brasileiras "uma simpatia espiritual, pela comunhão dos mesmos ideais" e que levasse "ao remanso do lar algum pensamento novo — sonho de poeta ou fruto de observação acurada." Esse pensamento novo era expresso através de artigos, crônicas, contos morais, poesias, pensamentos, comentários sobre acontecimentos contemporâneos (políticos, artísticos, sociais etc.), biografias de homens e mulheres ilustres, todos de obras célebres, cartas e notas.

Uma leitora de Paris reclamava que a revista tinha poesia demais e que seria melhor que desse mais ênfase às reivindicações feministas, através de "artigos sólidos com idéias seguras e fortes sobre os deveres da sociedade para com a mulher" e que mostrasse "o estado



## A MENSAGEIRA

Revista literária dedicada à mulher brasileira

Directora — Prisciliana Duarte de Almeida

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento adiantado	Preço da assinatura, 12\$000 por anno Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.	Numero avulso Rs. 1\$000
---------------------	--	-----------------------------



Prisciliana Duarte de Almeida, editora de **A Mensageira**, recuperou a produção literária feminina no Brasil

d'alma da mulher brasileira, o que ela deseja, o que ela quer e o que ela deve ser."

Nas páginas da revista, a educação da mulher aparece como sendo prioritária, seja para que desempenhasse dignamente o seu papel de mãe (as mulheres educam os homens!), seja para despertá-las para as responsabilidades sociais, como, ainda, para a obtenção de uma profissão que lhes propicie sustento. O conhecimento, a educação e o trabalho aperfeiçoavam a mulher sem roubá-la dos seus deveres, tranquilizavam as colaboradoras!

No período, várias profissões foram abertas ao sexo feminino (de médica, de taquígrafa, de gráfica, de encadernadora, de revisora, dentre outras) e foram ali saudadas com louvor. Os entraves impostos ao trabalho feminino foram denunciados, como por exemplo aquele

sofrido pelas primeiras formandas da Faculdade de Direito que não podiam exercer a profissão de advogada. E por que não deveriam estudar e trabalhar as mulheres, se inteligência para tanto possuíam — muitas delas já aí apresentadas e os comentários elogiosos sobre vários de seus livros —, capacidade física também, já que ninguém se opunha a que a mulher executasse trabalhos domésticos pesados, trabalhasse nas fábricas como operária e, no campo, como "verdadeiro animal de carga."

O voto parecia ser, ainda, um assunto tabu. J. Vieira de Almeida, em uma crônica publicada em 1897, exaltava o papel das mães na regeneração nacional e condenava o voto. Um mês depois, a editora, com perspicácia, transcreveu um artigo da **Gazeta de Petrópolis** que elogiava o sufrágio feminino na Nova Zelândia.

## Sabedoria acumulada: beber na fonte

Importante fonte para o estudo do pensamento feminista do final do século brasileiro e estrangeiro. **A Mensageira** — como revista literária dedicada à mulher — é também valiosa para a recuperação da produção literária feminina (e masculina) de então, já que sistematicamente aparecem em suas páginas: poemas, críticas de livros e biografias de escritoras (e escritores). Esta produção literária tem, porém, um limite: há lugar demais para seus pares. Exemplo disso é a resenha do livro do engenheiro civil Américo dos Santos (marido de Maria Clara da Cunha Santos), intitulado **Tabela para o traçado de curvas de nível** e destinado para profissionais especializados em abertura de estradas.

De maneira secundária a publicação oferece, ainda, pinceladas sobre o que estava acontecendo no Brasil e no mundo. Aspectos da vida cotidiana no Rio de Janeiro — a criação de creches e jardins de infância por Júlia Lopes, as touzadas em Laranjeiras, a onça pintada que apareceu em Irajá, a inauguração da Fábrica de Gelo, o uso de chapéu pelas mulheres no teatro etc. — são assuntos de várias crônicas de Maria Clara da Cunha Santos.

Concluindo: durante a leitura desta oportuna edição fac-símile (Conselho Estadual da Condição Feminina, Secretaria de Cultura e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo), várias vezes me veio à lembrança o **Mulherio**, seja por reencontrar a chamada de capa "igualdade na diferença", críticas à utilização de pseudônimos femininos por homens, pedidos para que fosse citada a fonte quando da transcrição de suas matérias etc. etc., seja por algumas soluções editoriais que mereciam ser recuperadas, como as simpáticas erratas e as complementares e informativas "notas da redação".

Uma palavra final: na introdução de Zuleika Alambert desta edição há um equívoco ao afirmar que "**A Mensageira** foi ainda política ao defender a abolição da escravatura". De fato existem vários artigos contra a escravidão negra, só que foram escritos por ocasião da comemoração dos dez anos da Lei Áurea (1898).

<sup>(1)</sup> Wright, Marie Robinson, *The New Brazil*. Philadelphia. George Barie d'Son, s.d., p.186

Maria Lúcia de Barros Mott é membro do Conselho Editorial do **Mulherio** e pesquisadora de História.

## Uma alegoria da sujeição feminina

*A História da Aia*  
Margareth Atwood  
tradução de Márcia Serra  
São Paulo,  
Marco Zero, 1987

**DINORATH DO VALLE**

**M**argaret Atwood suplanta a si mesma neste surpreendente romance *A História da Aia*, cotado pela revista *Time* como um dos cinco melhores de 1986, traduzido em doze línguas e adaptado para o cinema por Harold Pinter. A Editora Marco Zero vem publicando suas obras: *Madame Oráculo* (83) e *A Vida antes do Homem* (86). Atwood, canadense de Ottawa, tem 47 anos, é poetisa, ensaísta, crítica e romancista desde 1969. Mora em Toronto.

*A História da Aia* brota do desespero, silêncio e opressão da Mulher Reprodutora chamada Bala. Uma "Defred" que poderá vir a ser "Deglen", ou "Dewarren", de qualquer Comandante a cuja "família" for agregada pelo Governo (representado por um Olho impresso no teto dos quartos, na latária dos furgões de arrastar subversivos, nas braçadeiras dos Guardiães, no meio das mulheres vestidas de uniforme).

História terrível do final do século, recupera a sujeição e o aviltamento final da mulher, que o diretor dos arquivos dos séculos 20 e 21 (Cambridge) expõe no 12º Simpósio de Estudos gileadanos da Universidade de Nunavit (com pitadas de humor machista). São trinta cassetes com música (sucessos de Elvis Presley e outros, banidos na época) e depoimentos da Aia Defred, achados num antigo armário de metal em escavações arqueológicas.

Velhos preconceitos sobre os deveres inalienáveis da mulher (abnegada, obediente, dócil, sabuja, dependente econômica, assexuada, braçada e destinada à maternidade compulsória; aliada de qualquer tipo de poder) são destrinchados em 46 devastadores capítulos. A citação do Gênesis, que abre o livro, serve de chave-mestra ao pesadelo do futuro: Raquel (estéril) oferece a Jacó sua serva Bala, "toma-a. Que ela dê à luz sobre os meus joelhos e assim, por ela, te-rei também filhos."



Um livro tão inteligente quanto 1984

Bala é Defred, ex-casada, ex-mãe, ex-filha, que tenta "resgatar, aqueles caminhos distantes" através do depoimento.

A história da Aia é a história da República. A partir dos anos 80 "as escolas foram fechadas por falta de crianças", "pela indolência das mulheres", pela intensificação dos Pornopostos, Pornomercados, Motéis rolantes, bolinômios, Revistas de Modas, Lojas de Lingerie. O dinheiro foi abolido, as mulheres proibidas de ter contas bancárias, prerrogativa dos homens (como ler, escrever, jogar cartas, beber, conversar). O Presidente assassinado, o estado de emergência (culpa dos mulçumanos) decretado, a imprensa eliminada. A amiga Moira (homossexual) foge, arremetida pelo moralismo místico, Deus passou a ser "recurso nacional" e as mulheres divididas em castas: Esposas de Comandantes, Economesposas (de homens pobres), Tias (orientadoras, governantas), Martias (servas, de trompas ligadas), Aias (reprodutoras; não fumam, não bebem nem café), Antimulheres (estéreis, de partos mal sucedidos; mandadas para as Colônias). Quatro números e um olho são tatuados no tornozelo (leitura em Braille) de cada Aia.

Tia Lydia diz que "não existem homens estéreis, só mulheres infecundas". É ela que tem a honra de abrir a Selvageria (contra mulheres) no dia em que lincharam Decharles. Com a "intenção de durar", Bala obedece tudo cegamente, repete as aias, toda de vermelho (espécie de hábito feito na Loja Lirios do Valle) com antolhos brancos. Sai às compras, sempre acompanhada de aia de outra "família", a diversão é passar pelo Muro, contar os corpos pendurados e ler os "motivos" na tábuca de seus pescoços: fuga,

aborto, crimes retroativos. Nem os Guardiães escapam à "Traição do Gênero" (homossexualidade), são enforcados de uniforme.

A "família" de Bala é formada pelo Comandante, sua esposa, tia Lydia, Aias, Martias e o Guardiã da Fé Nick, misto de policial, choter, office-boy e lustrador do "whirlwind" preto do chefe. O Guardiã Olho, mais categorizado, aparece no furgão para fuzilar Martias quando se parecem com "homens disfarçados." Na casa campênia a inveja e a delação. É proibido cantar, é permitido usar alfomada bordada com a palavra "Fé". "A família é uma farsa", reúne-se para ver na televisão os Anjos do Apocalipse vencerem os Guerilheiros batistas, o Comandante fode as aias uma vez por mês, assessorado pela esposa. É sua obrigação produzir bebês, prontos para a carreira. Se a aia engravidar, tem nove meses de sala-maleques. Dá à luz na Cadeira de Parto de dois assentos (o alto para a Esposa, que fatura o bebê). Os Antibebês são eliminados, a aia-mãe desgraçada. Quem foge é torturado (há tabelas de torturas). A antiga amiga Moira foge duas vezes. Aleijada, é doada pelo governo ao "Clube", espécie de "Castelo de Jezebel", cheio de "sapatões" que chupam os pênis dos figurões.

Livro maduro, sensível, bem escrito, denunciador, profético, criativo e tão inteligente quanto "1984" de Orwell. Mais específico quanto às diretas e esquerdas: cita a Rádio América Livre (de ondas curtas), desagradável ao comandante que diz, exasperado: "malditos cubanos." E situa a República de Gilead nos Estados Unidos.

Dinorath do Valle é jornalista e escritora.

## Conversa entre mulheres

*O Despertar da Mulher é o Despertar do Homem*  
Zenia Dirani  
Rio de Janeiro,  
Espaço e Tempo, 1986

**SÔNIA MALHEIROS MIGUEL**

**O** despertar da mulher é o despertar do homem, livro da jornalista gaúcha Zenia Cazzulo Dirani, reúne uma seleção de crônicas que a autora tem escrito e publicado na imprensa de Porto Alegre, R.S. Zenia divide o livro em seis grandes blocos: A Mulher, O Homem, O Casamento, A Família, Os Filhos e Reflexões. Em cada um deles aborda, de maneira simples e direta, as principais questões que, no seu entender, dificultam o pleno desenvolvimento do ser humano e um relacionamento mais profundo entre as pessoas.

O interessante do livro está realmente naquilo que Rose Marie Muraro destacou no seu prefácio: "O livro de Zenia Dirani vem preencher uma lacuna que até agora existiu: ou só havia livros para mulheres alienadas ou então livros muito difíceis e teóricos para mulheres já libertas, ou ainda: os grandes **best-sellers** como *O complexo de Cinderela* eram estrangeiros e só em parte se adaptavam à nossa realidade".

É um livro simples, e quando digo simples não confundir com simplista ou simplório. Trata, como diz o próprio título, do despertar da mulher. Nele a autora procura abordar exatamente aquelas primeiras e básicas indagações e sensações que as mulheres - e talvez alguns homens - sentem em relação a sua opção (ou não) de vida, ao seu casamento, aos filhos etc., a começar pelo sentimento de culpa. Este um tema que, por sinal, anda merecendo ser melhor analisado pelas mulheres em geral e pelo movimento feminista em particular. Culpa por não estar cuidando "devidamente" dos filhos e marido, por não estar sendo uma "boa dona de casa", culpa pelo "fracasso" de um casamento, culpa por não estar sendo "suficientemente" feminina, e por aí vai. Culpas estas que sabemos muito bem não estão, infelizmente, tão distantes nem mesmo das mulheres ditas conscientes.

Outra questão que perpassa o livro como um todo é a da violência. Em várias de suas crônicas Zenia Di-

rani aborda esta questão, desde aquela violência mais visível, como o espancamento de mulheres e crianças, até aquela mais escondida na tradição e na ideologia que justifica e legitima a "superioridade masculina". Como bem coloca a autora, "O processo de ruptura do pensamento patriarcal é muito lento e doloroso, porque este impera há muitos séculos e findou por ser creditado como a única verdade. Nunca se ouviu a voz da mulher, submetida por um lado pelo poder masculino (fosse pai, avô, marido), por outro lado pela maternidade constante (não existiam meios contraceptivos que a libertassem das contínuas gestações) e ainda pelo escasso acesso à cultura, que a restringia à função de bichinho doméstico".

A superação de todos esses problemas (sentimento de culpa, machismo, violência, autoritarismo, rigidez de papéis e muitos outros) requer algumas mudanças fundamentais na postura de vida e na relação entre as pessoas. Em primeiro lugar a democratização dessas relações, onde mulheres, homens e crianças sejam considerados seres humanos integrais. Zenia Dirani chama a atenção para estas mudanças individuais ou "revoluções silenciosas", que seriam as mudanças internas, capazes então de viabilizar, de forma consequente, as mudanças da sociedade como um todo.

A leitura do livro flui como uma conversa entre mulheres que estão procurando e fazendo seu caminho. Muitas das crônicas terão, para as que iniciam a andança, sabor de novidade e revelação.

Sônia Malheiros Miguel é historiadora e mestrande em Sociologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde prepara a tese "Feminismo: Um Olhar para Dentro."



Um livro para discutir as indagações básicas das mulheres

## Sexo: Cru, Solto e Lírico

Casos de Sedução  
Marcia Kupstas  
São Paulo, 1987  
Brasiliense

SILVIA  
CINTRA FRANCO

Algum tempo atrás, numa roda de mulheres de letras, a escritora Ruth Rocha comentava que se o romance ganha por pontos, o conto tem que vencer por no-  
caute. Ai está Marcia Kupstas ingressa na literatura adulta nocauteando deliciosamente o leitor. Um típico caso de sedução.

São quinze contos soltos, gostosos, o maior pique. E ousadamente escritos por uma mulher. Para quem já leu **Muito Prazer** (editora Record), uma coletânea de contos eróticos femininos, assinados por nomes expressivos de nossas letras, duas coisas saltam aos olhos: em **Muito Prazer** sobre preocupação com a literatura, um certo clima erótico oscila sobre alguns contos, mas as autoras escrevem decididamente tímido.

Neste CASOS..., Marcia Kupstas está solta e solta o leitor. A atmosfera é jocosa e de cumplicidade com o leitor/voyeur. Nele coexistem o cru, o sensual, o lírico. E há de tudo, para todos os gostos e fantasias: sexo explícito, robôs programados para o amor, bonecas eróticas, folias porno-gastronômicas e sexo, muito sexo, entre homem e mulher, mulher com mulher (homem com homem não. Será discriminação?). Mulheres morenas, cabelos longos tem à beça. Hoi-nens peludos e tesos, idem. Do jeito que a publicidade inventa e as pessoas sonham. O bom é que as gordinhas são redimidas junto com idosas e futurísticas senhoras. Há uma orgia de situações diversas, comprovando uma imaginação lubrificada. "Ah, lascívia, para que te quero!" bradarão enfim saciados leitores e leitoras.

Os contos vão se revelando melhores e melhores, parecem até ordenados num crescendo de qualidade. A registrar: a carpintaria está OK, correta. A linguagem enxuta, idem, dentro do padrão Rubem Fonseca de escrita a quem, aliás, a autora dedica o livro. E o final dos contos são sempre surpreendentemente nocauteantes, **comme il**

Neste livro,  
cumplicidade  
de com o  
leitor



faut.

Só não dá para entender porque, com tanta soltura, Marcia Kupstas colocou um final tão dramático em "Presente de Natal". Lembra aquela velha história de que o que contraria a moral e os bons costumes (como é o caso do incesto) tem que acabar em punição. Não que esta resenhista esteja aqui a fazer o panegírico do incesto. Mas conto é literatura, e não cabe aí nenhum tipo de end bem comportado (os infratores da norma punidos com a morte), de ajuste de contas dos personagens com a moral. Talvez a autora não se sinta ainda o bastante livre-leave-solta para voar sem atender à sacrossanta sociedade. De qualquer forma, não está sozinha. Eça de Queirós, em seu romance póstumo, **A Tragédia da Rua das Flores** também dispensou semelhante tim à mater transgressora. Sinal de que os escritores, mesmo os mais à vontade com o tema, como é o caso de Marcia Kupstas, vivem uma iconoclastia comedida.

Até "Velho Prazer" os contos são hilariantes, alternando o sarcástico à graça simples e pura, as primeiras descobertas da sexualidade com o requintado voyeurismo. A partir do belo e doloroso "Serpente Marinha" a autora passa a nos revelar o lado menos ingênuo e periférico do desejo sexual. "Roleta Russa" e "Apenas um Caso" têm a ver com isso. A "Dama dos Sonhos" é uma bonita incursão pelo fantástico, "Correspondência" nos tra como se pode ser tocante sem ser piegas: a solidão encarada com franqueza, a balzaquiana farta de fingir gozo, quando o que busca e recebe, "um medo enorme" é "uma coisa chamada amor".

Os contos são bons e fogem daquela estereotípia machista do adultério e da (des)consideração da mulher como ser fruído e não também fruído. Por outro lado, Marcia Kupstas recupera a sexualidade feminina. Eis a boa nova: as mulheres também têm tesão e se revol-

vem fogosas e úmidas. Ativas, saem em busca de seu prazer, o justo prazer, duramente conquistado, de afogar o corpo ansioso num outro. E depois dormir em paz. A verdade é que **Casos de Sedução** é também o sexo do ponto de vista feminino — assim solto e desabrido. Sem pejo e sem pudor. Do jeito como não foi permitido às nossas mães e avós sonhar: elas conhecendo do sexo apenas aquilo — e o tanto — que latejava e fluía em seus corpos reprimidos.

Silvia Cintra Franco é escritora e coordenadora da área de Cultura do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo.

## Os Exílios de Lya Luft

Exílio  
Lya Luft  
Rio de Janeiro,  
Guanabara, 1987

LUCIA  
CASTELLO BRANCO

A experiência do exílio não parece ser incomum àqueles que transitam no universo da escrita. Afinal, seja na solidão de seu trabalho, seja na singularidade do texto, o escritor é sempre um desterrado. Entretanto, quando se pensa no exílio como um **sem lugar**, como uma irrecuperável ausência, como uma saída ou expulsão do que uma vez foi familiar (ex=movimento para fora; ilium= ventre, entranhas), a questão

adquire outras dimensões. Aí talvez estejamos diante do exílio da identidade, ou do exílio do imaginário, como o define Barthes. Nesse **sem lugar** encontram-se com certeza os dementes, os apaixonados, os agonizantes, os filhos sem mãe, as mães sem filhos, os solitários de toda espécie. Nesse **sem lugar** encontram-se certamente as personagens desterradas de **Exílio**, romance recentemente publicado por Lya Luft.

"Alguém já teve um filho e o perdeu?", indaga a narradora na trajetória de seu desterro. "Alguém já teve uma mãe e a perdeu?" é a questão que se coloca, subliminar ou declaradamente, em seu percurso de exilada. Afinal, é da ausência da figura materna, que, na vida, "mais parecia um retrato", que se constrói a (des)função de mãe da narradora. Diante da rasura original da imagem, só lhe resta um caminho: a saída do primeiro casamento, o abandono do filho, a partida para um segundo casamento não realizado, a não aceitação de um segundo suposto filho, a lacuna, a herança, o vazio.

É na casa vermelha, "lugar onde se reúnem os errantes, os desgarrados", espaço intermediário entre o primeiro casamento destruído e o segundo casamento que não chega a se realizar, que a narradora se depara irremediavelmente com a ausência da imagem materna e com a perda de identidade. Aí, através da figura insólita do anão, resíduo da memória infantil e alterego ("o anão apareceu em casa de meu pai no dia em que descobri que minha mãe bebia"), da sinistra voz feminina ao telefone ("se fosse viva, como seria a voz da minha esfinge?"), de Gabriel, o irmão doente ("Gabriel teria bebido veneno com o sangue de nossa mãe, naquela tarde?"), das lésbicas que se amam delicadamente sobre o telhado ("ninguém tem direito de espreitar assim esse amor"), da Velha Louca que, em relação mimética com a história da narradora, vi-

ve um amor fora do casamento, da Mulher Manchada, do cego solitário que se masturba, não há como fugir do exílio.

Porque é ali, sobretudo, que se dá seu inadiável encontro com o **feminino**. Afinal, como ginecologista, mãe, filha, esposa e mulher, esse encontro já vinha sendo reiterado/negado: a ginecologista ajuda a nascer seres para a morte, a mãe abandonada abandonada por seu filho, a filha jamais teve a presença da mãe, a esposa é esposa de ninguém. E a mulher? Resta a ela apenas a indagação em eco, ou quem sabe a imersão na mata, símbolo primordial do feminino, da mãe esfíngica e aglutinante que a narradora insiste em decifrar: "Aqui e ali, nas copas altas vultos ariscos, maçaquinhos e pássaros de pio tristonho. Ventos nos cimões, rumores de mar, nódoas de sombra e luz: a floresta é uma grande Mulher Manchada estendendo-se nua montanha acima, aberta e entregue."

Só assim, talvez, seja recuperada a identidade feminina. Ou quem sabe inventada, já que não há como recuperar o que não houve, o vazio, a lacuna. Só assim é possível "dar à luz a si mesma" e prosseguir. E talvez por isso o único caminho viável seja o de volta. Não pelo casamento fracassado, não pelo marido que ficou pra trás, mas pelo filho, possibilidade única de reinventar a mãe: "Vou voltar, meu filho. Marcos não vai me querer, tem outra namorada; Lucas vai me estranhar; mas esse é o meu caminho. Para casa, para casa." Nesta casa, quem sabe, um pouso, um porto, um lugar: "Aqui haverá enfim lugar, como nunca tive. Avanço rápido, arfando: — Mãe, mãe..." Para casa, para casa. Não a opção mais viável, mas a única e irremediável saída. Mesmo que não se consiga chegar em casa. Ou mesmo que, chegando, não se possa ficar. Ali, talvez, a última possibilidade. Nem que seja através de uma tentativa insana, como a do irmão Gabriel: rabiscar, com os dedos sujos de fezes, o M inicial da palavra MÃE.

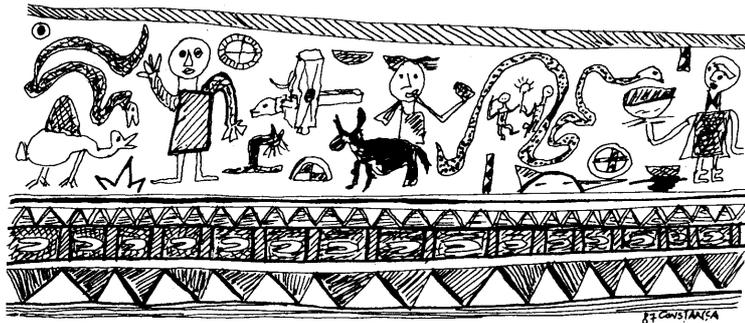
<sup>1</sup>BARTHES, Roland. **Fragmentos de Um Discurso Amoroso**. 4 ed. Trad. Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984. p. 1004.

Diz Barthes, acerca do exílio: "Ao decidir renunciar ao estado amoroso, o sujeito se vê com tristeza exilado do seu Imaginário."

Lucia Castello Branco é professora de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de Minas Gerais, mestra em Literatura Lusobrasileira pela Universidade de Indiana (USA), autora de **O que é Erotismo e Eros Travestido**.

SANTAMARIA  
SILVEIRA

Sonha Mamana África  
Cremilda de Araújo Medina  
São Paulo,  
Epopéia, 1987



## AS VOZES DA ÁFRICA

Falta tudo. Papel, fita de máquina, lâmpada para trabalhar à noite e gráficas. E mesmo nesta situação tão adversa os escritores da África portuguesa subsistem, pois a maioria aprendeu o que é resistência durante a luta pela independência, misturando literatura e militância. Em **Sonha Mamana África**, Cremilda Medina oferece um quadro vivo da literatura africana de língua portuguesa através do levantamento de 41 perfis, notas biográficas e fragmentos de obras dos mais representativos escritores de Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

**Sonha Mamana África** encerra a terceira fase de um projeto ambicioso de Cremilda Medina, iniciado com a série **Escritor Português Hoje**, que reuniu 28 escritores lusos contemporâneos e revelou José Saramago para os brasileiros. Na sequência, escreveu **A Posse da Terra — Escritor Brasileiro Hoje**, um levantamento de 54 nomes da ficção brasileira, da geração pós-anos 30 à década de 70. Com a etapa africana, está concluído o mapeamento mundial da literatura de língua portuguesa, considerada língua rara pela Unesco, mas falada por 200 milhões de pessoas.

Por ser um trabalho jornalístico, que por incidente de percurso enveredou pela historiografia literária e pela crítica, **Sonha Mamana (Mãe) África** retrata sem ficção a dura realidade da África austral. Em Moçambique já era possível cons-

tatar desde o ano passado, período da realização do levantamento, a "guerra" sustentada pela África do Sul e ex-colonizadores para desestabilizar o governo socialista dos moçambicanos. Eles patrocinam os BA's (bandidos armados), como são conhecidos os guerrilheiros da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), responsáveis pelo recente massacre na cidade de Homoine, no sul do país, onde foram assassinadas quase quatrocentas pessoas. Os BA's chegam movidos pelo "vandalismo mais desumano de que já se teve notícias, atacam as palhoças, as casas mais pobres, deixam sangue, loucura e morte como legado". O relato fala também de incêndios em aldeias, retribalização, degolas, estupros de meninas de oito anos e rapto de meninos da mesma idade.

Toda essa tragédia resulta em dificuldades extras para os escritores moçambicanos. Não há verbas para comprar alimentos, muito menos para papel ou gráficas; por isso, a maioria dos autores é inedita. Mas a carência extrema tem um aspecto positivo: as obras que conseguem chegar ao prelo são consumidas imediatamente, tamanha a deficiência de produtos culturais

em Moçambique.

Os temas explorados pelos escritores ainda não passam pelas atrocidades dos BA's. Marcelo Pangana trata dos tempos de antigamente, quando os brancos ensinavam aos filhos que os negros comiam gente; e a de Ungulani Ba Ka Khosa tem explicações para o mundo dos colonizadores: "o cimento é o refúgio dos espíritos dos brancos e que passarão ainda muitas luas antes de os pretos se aproximarem desse mundo compacto, cheio de compartimentos, segredos e de locais aonde se caga sem que a casa cheire a merda". Entre os escritores moçambicanos, mais dois destaques: José Craveirinha, considerado o maior poeta do país, e Noémia de Sousa, poeta-mito e primeira mulher negra a escrever na África Austral. Auto exilada em Portugal, deixou de escrever.

A situação dos escritores em Angola não é tão ruim como em Moçambique, porém o país também enfrenta tentativas de desestabilização patrocinadas pelo Serviço de Inteligência dos Estados Unidos, segundo o escritor Costa Andrade: "A CIA tenta confundir o Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA) com um partido

comunista, quando; era desde o início uma frente de orientação anticolonialista". Como os escritores moçambicanos, os angolanos também conheceram os caminhos da guerrilha, antes ou paralelo à literatura. Outra proximidade: carência de parque gráfico. A solução encontrada é utilizar os serviços de Portugal e Brasil sob a coordenação da União de Escritores de Angola.

Para os escritores angolanos, o Brasil é referência obrigatória. Depois de ler Guimarães Rosa, o escritor Luandino Vieira descobriu que a linguagem poderia ser reinventada e criou com base na palavra musseque (favela): mussequista, mussequético etc. Já Costa Andrade faz aproximações menos liçõesjeiras. Em 64 quando veio ao Brasil representar a MPLA, acabou preso pelo governo militar, sendo necessária uma mobilização internacional para libertá-lo dos porões da ditadura.

O inventário de Mamana África que fala português é completado com escritores de mais três países: São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde. No primeiro, Medina encontrou a poeta Alda Espírito Santo, que assume o governo quar-

do o presidente não está. Ela lutou contra o ditador Gorgulho, responsável pela pena insólita do baide. Cada prisioneiro recebia o seu com a missão de esvaziar o mar. Alda foi presa, torturada, mas ajudou a organizar a população, principalmente as mulheres. E hoje, na Assembleia Popular, não sonha em publicar livros, mas tornar os livros um bem acessível a todos os saotomenses. Na Guiné-Bissau, o maior nome da literatura local, iniciada com a independência, é Hélder Proença, que estudou no Brasil, onde "solidarizou-se com os pobres à margem do luxo brasileiro". Cabo Verde, por sua vez, é o país mais denso em escritores devido a sua pequena área de 4 mil quilômetros. "Cabo Verde é Cabo Verde, Cabo Verde não é África, nem Portugal". Estas palavras do escritor Baltasar Lopes tentam explicar as particularidades deste arquipélago desértico, que de verde só tem o nome, mas sonha em ser oásis. Talvez por isso seus poetas persigam tanto a imagem de Pasárgada.

Apesar de privilegiar os escritores da geração de 60 que lutaram pela independência, Cremilda Medina em **Sonha Mamana África** não deixa de resgatar as gerações de Orlando Mendes e Manuel Ferreira, dos anos 30 e 40, que subvertiam o colonialismo através da simbiose do português com o crioulo, "plantava-se a independência cultural ao reconstituir a linguagem popular". Também não deixa de lado os escritores novíssimos, caso de Torné Varella, que defende a adoção do crioulo como língua oficial, pois a maioria do povo não lê português. Polêmicas à parte, Cremilda Medina entende que os africanos vivem um processo de apropriação da língua portuguesa: "a domam não como inimiga mas como fonte de criação".

18

11 número  
Agosto/87

(Um menino sobrevivente de Cassinga) pensou em escrever uma carta para França adiantando que com o custo de um Mirage se podiam fazer muitas escolas e sobrava ainda muito dinheiro para imprimir um poster com os dizeres:  
**ABAIXO O MIRAGE**  
(Manuel Rui)

Em minha casa de madeira e zinco,  
abro o rádio e deixo-me embalar...  
Mas as vozes da América  
remexem-me a alma e os nervos.  
E Robeson e Marian cantam para mim  
spirituais negros de Harlem  
"Let my people go"  
— oh, deixa passar o meu povo  
deixa passar o meu povo!  
dizem  
e eu abro os olhos e já não posso dormir  
(Noémia de Sousa)

E na minha rude e grata  
sinceridade filial não esqueço  
meu antigo português puro  
Que me geraste no ventre de uma tombsana  
eu mais um novo moçambicano  
semiclaro para não se igual a um branco qualquer  
e seminegro para jamais renegar  
um glóbulo que seja dos Zambezes do meu sangue  
(José Craveirinha)

# Sete Anos de Reivindicações



## REDE MULHER

ATRÁVÉS DO INTERCÂMBIO E DA ORIENTAÇÃO DE MAIS DE SETECENTOS GRUPOS DE MULHERES EM TODO O BRASIL E NO EXTERIOR, A REDE MULHER BUSCA O AMADURECIMENTO E A AUTONOMIA DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS EMERGENTES DAS CAMADAS POPULARES.

Laurimar Coelho

A idéia de formar a Rede Mulher surgiu de uma intensa pesquisa que realizei sobre a situação da mulher. Hoje concretizada, a entidade tem como objetivo promover a comunicação direta entre os grupos feministas e de mulheres existentes não apenas no Brasil, mas em toda América Latina", diz Moema Viezzer, que desde 80 vem coordenando o trabalho da Rede, que propõe, entre outras coisas, manter a independência dos grupos, respeitando suas metas e conquistas próprias.

Mesmo tendo se dedicado nos últimos doze anos ao estudo sobre a situação da mulher e executando várias experiências com grupos feministas do México, República Dominicana e demais países da América Latina, foi no Brasil, mais precisamente em São Paulo, que Moema encontrou um espaço para desenvolver este trabalho: "Tive contato com países que possuem muitos grupos de mulheres, mas nenhum deles supera o Brasil. O que me deu a idéia para criar a Rede Mulher aqui foi a necessidade de união que as brasileiras têm. Nossos grupos feministas precisam se organizar. Antes de lutarmos por melhorias na qualidade de vida ou outras coisas, precisamos lutar pelos nossos direitos enquanto mulheres", salienta.

Os projetos realizados pela Rede Mulher são analisados de maneira que as próprias mulheres possam perceber sua realidade e assumir o controle de suas organizações e movimentos. Através de um núcleo de comunicação, a Rede coloca à disposição de todos os grupos emergentes nos mais distantes pontos do Brasil e da América Latina uma série de materiais didáticos sobre a situação da mulher. São diversos audiovisuais, fitas de videocassete e impressos produzidos pela própria Rede e outras entidades, suas aliadas neste trabalho. Segundo Moema, a Rede, enquanto entidade reconhecida e com personalidade jurídica, nada tem a ver com uma Federação que possui sua sede em São Paulo: "Aqui, somos apenas vinte mulheres distribuídas entre



Grupos de Mulheres ligadas à Rede Mulher comemorando, com propostas, o 8 de março.

a diretoria e a equipe técnica. Como poderíamos dizer, por exemplo, a um grupo feminista do Amazonas o que fazer e o que reivindicar se não somos sequer amazonenses? Os grupos interessados sabem do nosso trabalho através de outros grupos, nos procuram e nós damos todo o apoio técnico possível", diz.

Se por um lado a Rede Mulher tem conseguido interligar e orientar hoje cerca de setecentos grupos feministas com o apoio de entidades internacionais, como Unicef, Conselho de Educação de Adultos da América Latina e a Rede de Saúde da Mulher — ISIS Internacional, há ainda alguns fatores contraproducentes. A Igreja Católica, na visão de Moema Viezzer, tem gerado uma forte dependência dos grupos de mulheres aos seus conceitos e movimentos populares: "Reconhecemos que a Igreja possibilitou às mulheres uma oportunidade de se agruparem e de realizarem outras atividades fora do ambiente doméstico. No entanto, passam para esses grupos a idéia de que devem lutar por coisas importantes, mais para a Igreja do que para as próprias mulheres", afirma.

### A Rede em São Paulo e na Constituinte

Em São Paulo, a Rede Mulher tem se empenhado na execução de cursos, encontros, oficinas e intercâmbio entre grupos e movimentos de mulheres do setor popular local e de outros estados. Para Albertina Santos Li-

ma, que lidera a Associação das mulheres da Zona Sul, "a Rede possibilitou a organização de forma coerente de um grupo que vinha trabalhando há mais de vinte anos. Foi através do trabalho feito pela Rede Mulher que pudemos conhecer os grupos de outros estados e repensar sobre nossas verdadeiras necessidades".

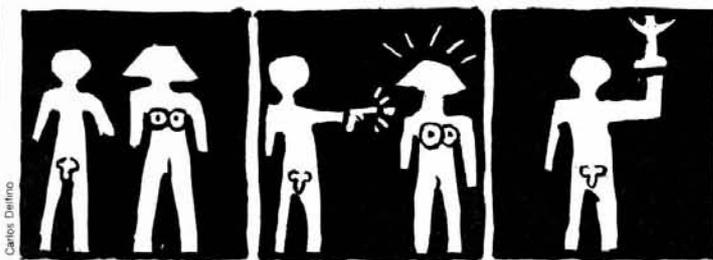
Paralelamente ao trabalho realizado pelas mulheres da zona Sul, Carime Mamud, que está à frente do movimento de mulheres da zona Leste, tem encontrado na Rede Mulher o apoio necessário para a organização e execução de um trabalho em uma das regiões mais carentes de São Paulo: "O trabalho que fazemos com as mulheres da Zona Leste não é diferente da Zona Sul. Lutamos pela criação de creches, posse de terra e por moradia. Com a Rede, o isolamento que existia nos grupos de nossa região acabou. A Rede é um instrumento de avanço dos movimentos de mulheres, onde aprendemos a ser autônomas", diz.

No entanto, a Rede tem realizado não apenas um trabalho de educação para os direitos da mulher com os grupos dessas duas regiões paulistanas. Segundo Moema, a Rede tem possibilitado a formação de novos educadores populares e novos animadores culturais com a criação de um grupo de teatro que tem se responsabilizado por alternativas em matéria de educação e orientação de mulheres. Danisi de Moraes, que faz parte do grupo de teatro ligado ao movimento de mulheres da Zona Leste disse que é difícil tratar de assun-

tos sérios através do teatro. "No começo foi difícil. Elas achavam que o nosso trabalho era apenas lazer. Algumas mulheres nunca tinham ido ao teatro, por isso em nossas peças dávamos maior importância para o que era dito e não como era dito. Hoje, as mulheres querem participar da elaboração dos textos, pensam em cenários, figurinos e existem até algumas que querem formar seu próprio grupo e fazer o mesmo trabalho que realizamos", diz.

O projeto Nós e a Constituinte, cujo objetivo é assegurar os direitos e as garantias da mulher na Constituição foi organizado pela Rede Mulher em 85: "Foi a partir do Encontro Nacional de Educação Popular e Movimentos de Mulheres realizado em Brasília que sentimos a necessidade de participar da nova Constituição de forma consciente e organizada e demos impulso ao projeto, através da iniciativa popular, que precisa de 30 mil assinaturas para ser acatada pela Constituinte.

Pela proposta da Rede Mulher, apresentada em doze artigos, fica proibida, entre outras coisas, a discriminação no campo profissional, e há uma preocupação no tocante à constituição de creches; à igualdade de direitos e deveres dos cônjuges e à ampla informação sobre o uso e os efeitos de métodos contraceptivos. A Rede Mulher cuidou da distribuição e recolhimento dos abaixo-assinados com a proposta popular de emenda ao projeto de Constituição pelos direitos da mulher e até o final de julho já tinha conseguido mais de 20 mil assinaturas.



Carlos Dalino

## Um quase assassino no Conselho da OAB

A imagem do órgão que valoriza e defende os direitos humanos encampada pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) não tem convencido os grupos feministas e tão pouco deixa à vontade alguns advogados ligados à seccional de Pernambuco. Essa indisposição surgiu em maio deste ano, a partir da convocação de uma Assembléia geral para a eleição de novos suplentes do Conselho da entidade. Na lista dos eleitos figura o advogado Luis Fernando Dias dos Santos, indiciado em processo por tentativa de homicídio praticado contra sua esposa, a advogada Maria do Carmo Dias dos Santos, em 78.

O afastamento de Luis Fernando das funções de conselheiro tem sido, desde então, uma das principais preocupações do Movimento de Mulheres em Pernambuco e de vários membros da Comissão de Direitos Humanos da Ordem. Segundo a advogada Nadege Domingues, militante do Movimento Feminista pernambucano e pertencente à OAB, "as questões ligadas aos Direitos Humanos têm preocupado a Ordem desde sua criação. O que não aceitamos é que ela tenha admitido um advogado como conselheiro, mesmo sabendo de sua culpabilidade no crime praticado contra sua esposa. Isso é uma contradição que não pode ser aceita", afirma.

A explicação apresentada pela

OAB é que enquanto o processo está em andamento na Justiça, o advogado Luis Fernando está isento de ser considerado culpado e, portanto, pode exercer sua atividade profissional normalmente. No entanto, para o advogado de Maria do Carmo, Rui Antunes, "a OAB tem se mostrado surda em relação a este caso. Houve várias denúncias, a perícia apresentou provas que incriminam Luis Fernando e nada foi feito. Este caso envolve muito mais uma questão de legitimidade do que legalidade", afirma.

Enquanto o processo tramita, Maria do Carmo vive em Nova York com seus dois filhos e seus pais, para se poupar da violência do ex-marido. Separada desde o dia do crime, cega e com a face defeituosa em decorrência do tiro que levou de Luis Fernando, ela aguarda o chamado da justiça brasileira para mais um depoimento a ser realizado em setembro. Para Fernando da Costa Carvalho, irmão de Maria do Carmo e responsável pela reabertura do inquérito arquivado pela Justiça desde 78, "antes de pensarmos no afastamento do advogado Luis Fernando de suas atividades, temos de pensar em punir o agressor Luis Fernando que tentou matar minha irmã". **Mulherio** vai acompanhar mais esse caso de impunidade.

## Inaugurada Delegacia de Belém. Com deficiências

Flores, doces e discursos comedidos de autoridades marcaram a inauguração da Delegacia da Mulher, em Belém, Pará, no mês passado. A Divisão de Crimes Contra a Integridade da Mulher (DCCIM), denominação oficial do órgão, se instalou com deficiências e distante dos pólos de violência contra as mulheres: os bairros de periferia da cidade. Localizada num bairro de elite de Belém, a delegacia conta com apenas uma titular, Heloisa Helena Miranda de Barros, e uma escrivã. Com essa precariedade em seu quadro de recursos humanos, o órgão não poderá ins-

taurar inquéritos, muito menos dará plantão noturno e apenas fará o encaminhamento das queixas às delegacias em cuja jurisdição tenha ocorrido o caso.

Segundo Heloisa, a DCCIM, apesar das dificuldades de infraestrutura, só dispõe de uma viatura e não tem telefone, "é uma semente plantada com anseios de prosperar", diz. Pelas reações das representantes dos movimentos de mulheres, que se fizeram presentes à inauguração, é pensamento comum que nessas condições, a delegacia não atenderá às necessidades de defesa do sexo feminino.

Os movimentos, em número de aproximadamente dez entidades, estão preparando um documento, que substituirá um primeiro já entregue à Secretaria de Segurança Pública, onde justifica a necessidade de instalação de uma delegacia especializada em Belém. Esse segundo documento reivindica a criação de um Conselho de Representantes dos Movimentos Autônomos que atue junto à DCCIM, uma casa sob a responsabilidade da delegacia, onde possam permanecer as mulheres sob ameaça de violência; e querem ainda que o processo de encaminhamento das queixas se dê ao contrário do planejado, ou seja, que ao invés da DCCIM encaminhar os casos a outras delegacias, que estas, sim, os encaminhem à especializada.

Nas palavras do Secretário de Segurança, coronel Antônio Carlos Gomes, "a Delegacia da Mulher não se propõe, verdadeiramente, a combater a violência. Ela se propõe mais a unir, aconselhar e orientar".

Para ele, a conciliação de pares é mais importante do que o combate à violência. Segundo o coronel, "a violência é combatida diariamente". Ele se esquece que o tipo de violência que sofrem as mulheres, hoje em dia, é fruto do machismo da sociedade e com essa icéia de trabalho numa delegacia especializada, esta não alcançará seu objetivo principal e muito menos contará com a confiança da população alvo de suas atividades.

Frustram-se, assim, as expectativas de dona Lucy Gorayeb, da Associação Cristã Feminina, que em seu discurso de saudação à instalação da DCCIM ressaltou o papel do órgão "no combate aos altos índices de violência contra mulheres no estado". E junto com ela, também, fica no ar a perspectiva da

presidenta do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, Madalena Mendonça dos Santos, que acredita ser a Delegacia da Mulher "um espaço dentro do setor público que virá encaminhar a questão da violência".

A luta dos movimentos autônomos terá papel fundamental na reversão de um quadro retrógrado delineado pelas autoridades constituídas, principalmente, à época em que foi lançada a "Campanha contra a Violência à Mulher". Nos últimos vinte meses, foram quase três mil casos de agressões a mulheres registradas nas diversas delegacias da cidade, desses, 186 resultaram em morte.

**Jimena Felipe Beltrão** (colaboradora do **Mulherio** em Belém)



Postal destacando Josefina Villafaña, líder feminista de Porto Rico

## Mulheres em Postais

Uma série de sete postais sobre a participação histórica e cultural das mulheres latinas nos Estados Unidos e das mulheres da América Latina foram recentemente editados pela Helaine Victoria

Press, em Bloomington, Estados Unidos. Segundo Norma Alarcón, uma das criadoras da série e professora de literatura hispânica da Universidade de Purdue, "os postais resgatam a história social e política da América Latina".

Publicados em inglês e espanhol, os postais trazem informações histórico-biográficas de figuras ilustres como Josefina Villafaña de Martínez-Alvarez, sufragista e feminista; Lolita Lebrón, nacionalista de Porto Rico; Rosario Castellanos, escritora e diplomata mexicana; Jovita Idar, feminista humanista; Dora María Téllez, ministra da saúde na Nicarágua e Emma Tenayuca, líder dos trabalhadores mexicanos. A editora Helaine Victoria é uma organização sem fins lucrativos, que realiza este trabalho de impressão de postais culturais desde 73. Para se obter o catálogo dos postais publicados até hoje basta escrever para Helaine Victoria Press, Inc., Dept. LA, 411 E. 4th Street, Bloomington, IN 47401, USA.



Rui Amaral

**CASA DA MULHER DO GRAJAÚ**

**UM ESPAÇO ALTERNATIVO DE PARTICIPAÇÃO DA MULHER**

Rua José Bezerra Filho, 183 Grajaú  
SP Cep 04842 Tel. 011 - 520-2775



## Sexo, Política e Deboche

O mais perto que o Brasil chegou de Cicciolina (Ilona Staller), que usou os seios como cabo eleitoral para chegar ao Parlamento Italiano, foi a campanha da vereadora paulista, Iredê Cardoso, para a Constituinte no ano passado. Menos radical, Iredê não mostrou os seios, mas usou-os como símbolo de sua campanha, por julgar que eles representam a mulher e remetem ao erotismo, à vida, ao tesão.

Mas não foi só a porno-star Cicciolina que escandalizou a velha Europa recentemente, a mulher do chefe da ultradireita francesa, Jean-Marie Le Pen, também. Depois de uma continuada briga gerada pelos acertos da separação, Pierrette Le Pen resolveu tomar ao pé da letra uma sugestão do marido: "se a pensão não é suficiente, vá trabalhar de faxineira". De avental, touca e pouca roupa, Pierrette lavou o chão, limpou botas e passou aspirador para as lentes indiscretas da revista **Playboy**.

Para Cicciolina 20 mil votos, para Pierrette uma edição esgotada em poucos dias. Mas até o momento, apenas Cicciolina parece estar ameaçada por sua ousadia. O Partido Radical, pelo qual foi eleita, está querendo se apossar de seu mandato, alegando uma mal explicada "rotação parlamentar". As feministas da revista **Noi Donne** já alertaram para a armadilha machista e até a senadora Marisa Rossanda do Partido Comunista Italiano (PCI), que elegeu mais de 80% das parlamentares mulheres da Itália, defende Cicciolina para que "no futuro os envergonhados sejam os homens que usam as mulheres e não as mulheres assim transformadas".

## Cidadania Plena Para as Prostitutas

Cerca de cem prostitutas de todo o país participaram em junho de uma série de encontros realizados em São Paulo e no Rio



Cicciolina, mandato ameaçado

de Janeiro, com o objetivo de discutir a situação dos quase 10 milhões de mulheres brasileiras que trabalham nas ruas e bordéis, ausentes das estatísticas sem a menor proteção contra a violência e a discriminação, com a indiferença da sociedade. Segundo Gabriela Silva Leite, socióloga e ex-prostituta, responsável pela abertura do "1º Encontro Nacional de Prostitutas" realizado no Rio, "as prostitutas devem ser encaradas como cidadãs. Nunca houve qualquer preocupação com a qualidade de vida dessas mulheres, que se transformam em pessoas doentes e miseráveis porque a sociedade lhes nega todos os direitos, dados a outros cidadãos".

Trabalhando desde 70 na questão da profissionalização da prostituta sem a intervenção de órgãos assistenciais e atualmente pesquisando no Instituto de Estudos da Religião sobre o meretrício no Mangue carioca, Gabriela Silva afirma que "não acredita na recuperação da prostituta, mas na sua profissionalização". Paralelamente às discussões sobre a sexualidade, saúde, violência e discriminação, a criação de uma entidade representativa das prostitutas foi o ponto central dos encontros realizados e será levado em documento à Assembleia Constituinte.

Em São Paulo, o Ministério da Cultura e a Prefeitura da cidade de

Jundiaí promoveram o **1º Encontro Nacional de Ação Cultural e Prostituição** enquanto as discussões dividiram-se entre a solução imediata da prostituição, enquanto um problema social, e a profissionalização das prostitutas. Segundo Paulo Roberto Guimarães, da Secretaria de Atividades Sócio-Culturais do Ministério da Cultura "existem várias formas de prostituição. Quem estabelece a normalidade é quem está no poder". Maria de Lourdes Araújo, prostituta há mais

desses encontros giraram em torno da promessa do Ministério da Cultura, em São Paulo, de reservar uma parte de sua verba para o apoio aos movimentos das prostitutas, a realização de um boletim informativo bimestral e a criação de conselhos consultivos estaduais, com o objetivo de organizar as prostitutas enquanto classe e proporcionar um espaço viabilizante para suas reivindicações.

## Cartilha Contra Violência

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher lançou o **Guia de defesa das mulheres contra a violência**, que está sendo distribuído através das Delegacias da Mulher. O guia orienta mulheres como proceder em caso de constrangimento legal, ameaça, destruição de documentos, calúnia, injúria, estupro, atentado violento ao pudor, rapto, sedução, lesão corporal, homicídio e indução ao suicídio. Nelle, as leis que deixam as mulheres subordinadas aos homens na sociedade, bem como a apatia frente às agressões físicas e morais são contestadas e a cartilha propõe que se faça uma rede de denúncias.

De acordo com Jacqueline Pi-

## FRASES

"A universidade ainda é território masculino. Faz uma discriminação sexual privilegiando o homem, e racial, favorecendo o branco".

Helena Lewin, professora, durante o 6º Congresso Mundial de Educação Comparada (RJ).

"Se eu tivesse dinheiro e o criminoso fosse pobre, esse caso já teria sido esclarecido".

Aunerite Maciel, mãe de Sílvia, estuprada e morta em Bragança Paulista (SP)

"Eu cortei as relações com meu pai (Jânio Quadros), mas não esqueci e nunca esquecerei a violência sofrida. Tutu Quadros, deputada federal, internada em uma clínica psiquiátrica depois de fazer acusações contra o pai-prefeito.

"As prisões são ilegais e, do jeito que vêm sendo feitas, não passam de meros seqüestros, portanto, uma ação criminosa".

Dilza Terra, vereadora (PDT-RJ), sobre a aplicação da Lei de Segurança Nacional



de 28 anos em Belém, no Pará, afirma que próximas à área dos projetos Carajás e Tucuruí foram construídas verdadeiras cidades de prostituição pelas próprias empregadas: "É a mais visível expressão da dependência que um sistema social assassino impõe à grande maioria do povo", afirma.

Os resultados obtidos a partir

tanguy, presidenta do Conselho, o Código Penal Brasileiro, no que se refere à violência contra a mulher é preconceituoso, principalmente em caso de rapto. "A Lei em seu artigo 219 afirma que raptar uma mulher honesta, mediante violência, dá uma pena de reclusão de dois a quatro anos. O crime é o rapto, pouco importa se a vida da mulher raptada dá margem a que a sua honestidade seja posta em questão. As mulheres honestas merecem respeito e proteção da sociedade, e as outras são abandonadas por se afastarem dos padrões de comportamento impostos a elas", afirma. Jacqueline diz, também, que 15 mil exemplares já foram impressos e serão distribuídos em todo o País

## AGORA VOCÊ TAMBÉM PODE PARTICIPAR DO IV ENCONTRO FEMINISTA LATINO AMERICANO E DO CARIBE

### OPCIONAL:

Via CUBA - 6 dias (pré ou pós Encontro)

Parte aérea: México / Havana / México - 238 dólares

Parte terrestre: 200 dólares (apto. duplo, incluindo taxa de visto de turista)

### OPCIONAL:

Via PERU, com passagem por Cuzco e Machupicchu - 6 dias (pré ou pós Encontro)

Parte aérea: Lima / Cuzco / Lima - 50 dólares

Parte terrestre: 210 dólares (apto. duplo)

**México, 19 a 25 de outubro**

**2 dias na Cidade do México e 5 dias em Taxco**

Parte aérea: 950 dólares

Parte terrestre: 128 dólares (pagos diretamente à Coordenação do Encontro)

SAÍDA DO RIO DE JANEIRO

**A 16 DE OUTUBRO PELA AEROPERU**

**PROMOÇÃO ESPECIAL COM AMPLO FINANCIAMENTO RESERVE JÁ: PORTO DA BARRA TURISMO**  
Rua João Pondé 43, loja, Barra 40.130 Salvador BA  
fone: (071) 235-1499 Telex: 712897



Tira do Caderno nº 1 do Idoc



Escobar

## Estratégias para a Democracia

**N**uma tentativa de pesquisar e divulgar o papel dos movimentos populares nos países do hemisfério sul, o Idoc, Centro de Documentação de Roma elaborou um caderno informativo a respeito do desenvolvimento do poder popular nas Filipinas. Este "dossiê" é o primeiro de uma série denominada "Transição para a Democracia", cujo objetivo é fortalecer o intercâmbio de informação e experiências vividas pelas camadas populares entre os países onde a luta pela construção da democracia é mais difícil e menos conhecida.

Este projeto baseia-se na investigação, sistematização e disseminação de documentos e trabalhos elaborados por vários colaboradores não apenas do Terceiro Mundo, mas de alguns países mais desenvolvidos. No entanto, frente ao controle da informação exercido por alguns países mais rígidos, as dificuldades na obtenção do material informativo torna-se evidente. Para isto, o Idoc, através de outras publicações distribuídas em quase todos os países da América Latina, Ásia e África, entra em contato com seus leitores e através deles divulga material informativo.

Enfocando temas como o desenvolvimento econômico, a reforma agrária, a violação dos direitos humanos, o poder da igreja e o militarismo, estes cadernos bimestrais têm como objetivo principal o conhecimento não apenas de documentos oficiais das forças políticas organizadas, mas basicamente dos materiais de tipo menos especializado que são a expressão dos movimentos de base. O esquema de distribuição proposto pelo Idoc está estruturado nos contatos conseguidos com várias entidades de classe e movimentos autônomos pela luta em favor da democracia espalhados em todo o mundo. E é através destes grupos que este projeto pretende lançar uma reflexão sobre os problemas e estratégias

necessárias para se chegar à democracia ou ao fortalecimento dos movimentos populares. Para obtenção dos cadernos informativos, escreva para o Idoc - Via Santa Maria Dell'Anima, 30 - 00186 - Roma.

## Não se fazem mais filhos como antigamente

**J**á somos 5 bilhões de pessoas no mundo e a explosão demográfica nos países do Terceiro Mundo e a preocupação com a futura impossibilidade de enfrentar essa questão são temas de discussão frequentes entre os cientistas e membros do governo. No Brasil, os pronunciamentos a respeito do planejamento familiar e do controle da natalidade tornaram-se comuns.

No entanto, mais do que procurar soluções para a questão, é necessário investigar as causas reais. Até há pouco tempo, pesquisadores insistiam em afirmar que a elevação do padrão de vida dos trabalhadores seria a grande determinante das mudanças demográficas. Um estudo mais profundo mostra que, num contexto mais amplo, as transformações nas relações sociais de produção e o desenvolvimento capitalista são os responsáveis pela redefinição da inserção dos indivíduos na sociedade, sua organização familiar e seus padrões de reprodução biológica.

Trocando em miúdos, isso significa que "a melhoria do padrão de vida em um determinado momento explicaria o aumento da fecundidade e, em outro, explicaria um declínio", como afirma Guaraci Adeodato Alves de Souza em seu trabalho **Não se fazem mais filhos como antigamente**. Um exemplo disso é a diminuição da taxa de mortalidade infantil também nas camadas mais pobres e na zona rural, ainda que as condições de vida desses segmentos continuem precárias. Com um número maior de crianças nascendo vivas e um aumento da probabilidade de sua

sobrevivência durante a infância, houve necessidade de adotar contraceptivos que evitassem uma prole excessivamente numerosa - o que, aí, significa mais de sete filhos.

Com o crescente desenvolvimento do capitalismo e a proletarianização, mulheres e crianças tornaram-se parte fundamental da força de trabalho, o que requer um novo tipo de estrutura familiar: em certos momentos, muitos filhos representam mais mão-de-obra a ser vendida; em outras circunstâncias, um número maior de crianças constitui uma carga para a mulher e um impedimento a sua maior participação no processo produtivo e de sustento da família.

Diferenças marcantes em relação à fecundidade foram constatadas em mulheres da mesma geração com diferentes níveis de instrução - mulheres com mais escolaridade tendem a restringir o número de filhos. Então, voltamos novamente ao ponto: não é necessário falar em controle da natalidade e na interferência do Estado nesse processo. O que é necessário, obviamente, são informações mais acessíveis às mulheres com grau de escolaridade mais baixo.

coordenação geral da doutora Norma Kyriakos.

Existe uma literatura feminina possível de ser estudada e analisada como tal? Esta questão será o ponto principal das discussões do Congresso Internacional de Literatura Feminina Latino-americana a ser realizado em Santiago, Chile, entre 17 e 21 de agosto. A iniciativa do encontro responde à constatação de que não apenas no Chile mas nos demais países da América Latina a produção no campo das novelas, poesias, ensaios críticos e teorias literárias produzidas por mulheres têm crescido, e ao fato de que se faz necessário uma discussão a respeito das semelhanças e diferenças entre as diversas criações frente ao colonialismo e os diversos regimes políticos vividos por estes países.

(Mujer / Fempress)

Terminam dia 20 de agosto as inscrições para o **I Encontro Latino-americano de Psicologia Marxista e Psicanálise**, promovido pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana em conjunto com a Sociedade de Psicólogos de Cuba e Comitê Organizador Internacional a ser realizado entre 15 e 19 de fevereiro de 1988. No encontro será discutida a utilização da psicanálise na melhoria da saúde mental da América Latina. As inscrições encerram-se em 20 de agosto deste ano e podem ser feitas nos seguintes locais: São Paulo - Rua Wanderley, 1386 - Rio de Janeiro - Avenida Franklin Roosevelt, 126, sala 703 - Porto Alegre - Rua Annes Dias, 154/sala 1206; e Mato Grosso do Sul - Rua Padre João Crippa, 1988. Os interessados de outros Estados deverão se dirigir à Secretaria do Encontro, em São Paulo, fone: (011) 62-0140.

O Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Natal, Rio Grande do Norte e a Coordenadoria Mulher e Cultura do Ministério da Cultura estão promovendo o concurso de Monografias **A Mulher na História do Rio Grande do Norte** na tentativa de resgatar e divulgar a contribuição social, política e cultural das mulheres na História do Estado. Pesquisadores de todo o País poderão participar. As inscrições serão entre 15 de setembro e 15 de outubro no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, Rua Joaquim Fabricio, 312, Petrópolis, Natal - RN, 59.010. Os resultados serão divulgados em sessenta dias após o encerramento das inscrições.

## TESE

**Aids e Homossexualidade** é o tema de Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais que Lindinalva Laurinda Silva, orientada da professora Carmem Sylvia Junqueira, apresentou, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Aliando a pesquisa de campo, realizada em hospitais de São Paulo, à reflexão antropológica, o trabalho enfoca os estilos de vida criados pelos homens homossexuais até o aparecimento e propagação da Aids, as representações sociais que se criaram em torno da doença, bem como a maneira como reagem, seja enquanto doentes, comunicantes ou enquanto integrantes do grupo de risco mais atingido. Além disso, o trabalho desenvolve um estudo a respeito de como o paciente constrói a sua identidade de afetivo e as posturas e percepções de alguns setores da população - como a imprensa, os homens homossexuais, suas famílias, a igreja e os militantes - se posicionam frente a aids, seja no sentido de prevenir ou estimular a ocorrência de atitudes discriminatórias. Os pontos levantados pela autora têm como objetivo o desestímulo ao ressurgimento de uma onda de conservadorismo que restringe os espaços conquistados para a criação e expressão de estilos de vida diferenciados da heterossexualidade institucional em decorrência da evolução da Aids.

Rosely Roth (colaboradora do Mulherio em São Paulo)

## AGENDA

A OAB-SP estará promovendo a partir de 8 de agosto uma série de Encontros Preparatórios em quase vinte cidades do interior do Estado, a começar em Rio Claro. Serão discutidos temas como a condição da mulher, a situação da profissional de advocacia, suas necessidades e dificuldades diante da atual legislação e a discriminação no trabalho. As questões levantadas em todos os encontros serão avaliadas no "1º Congresso Estadual da Mulher Advogada", a ser realizado nos dias 12, 13 e 14 de novembro na seção São Paulo da OAB, sob a



galeria de arte e molduras

Linha completa de molduras em madeira, laca, alumínio, ouro envelhecido, prata etc. Somos o maior acervo de gravuras de S. Paulo. Tozzi, Volpi, Grassmann, Tarsila, Rugendas, Wesley Duke Lee, Antunes, Renina, Fayga, Mabe, Charoux, Burt Marx fazem parte da nossa coleção.

R. Artur de Azevedo, 2102 Fone: 815.7786

USESU Pinheiros - S. Paulo

## PROJETO SEXUALIDADE COM PRAZER

Orientação Psico-Educativa a profissionais

Orientação Psico-Educativa a profissionais e operacionais das áreas de Educação "Creches, escolas infantis e de 1º e 2º graus". Inscrições abertas para Cursos, encontros e treinamentos. Informações fone: 255-3498.

